

**A CERÂMICA DE VILA FRANCA DO CAMPO  
(S. MIGUEL - AÇORES)  
NA PRODUÇÃO HALIÊUTICA**

por  
RUI DE SOUSA MARTINS \*

**Résumé**

Dans cet article il est question de l'analyse de deux cas d'innovation technique dans le domaine des systèmes de pêche où l'art des potiers de Vila Franca do Campo a joué un rôle assez important.

Premièrement et dans le but de perfectionner le filet et de mieux l'adapter à la topographie sousmarine, ce qui augmenterait et améliorerait l'efficacité de la traîne, les pêcheurs faisaient faire des poids en terre cuite aux potiers.

Le deuxième cas porte sur une expérience, de source officielle, qui visait l'introduction aux Açores de la capture différée du poulpe avec une filière de récipients céramiques, à l'aide d'une embarcation et d'un groupe de travail. Quoique ce projet ait échoué, il a cependant laissé des traces dans la poterie de Vila Franca do Campo.

**Abstract**

In this article, two cases of technological innovation in the realm of fishing are analysed, wherein the art of the potters from Vila Franca do Campo played a very important role.

Firstly, the improvement of the trawl net is studied, with the aim of adapting it to the topography of the ocean floors and of increasing its efficiency, which led fishermen to order clay weights from the potters.

Secondly, an officially-sponsored experience is addressed. It aimed to introduce the capture of octopus in the Azores by using a network of ceramic receptacles cast from a vessel by a work group.

---

\* Professor da Universidade dos Açores. Antropologia Cultural.

## 0. NOTA PRÉVIA

Os raros artefactos da cerâmica portuguesa relacionados com a actividade piscatória reduzem-se praticamente aos pesos de rede, usados já na época romana, e aos *alcatruzes* de apanhar polvo, divulgados no Algarve na década de 40 e objecto de valiosa monografia elaborada pela etnóloga Margarida Ribeiro.<sup>1</sup>

No arquipélago dos Açores, não se conhecem referências escritas à cerâmica do mar. Todavia, em 1986, fui alertado para este tema por Clarinda Moutinho dos Santos, então responsável pela secção de etnologia do Museu Carlos Machado (Ponta Delgada), que me disse ter recolhido informações sobre o uso de pesos de barro em redes de pesca de Vila Franca do Campo. Foi a partir destas indicações que iniciei o estudo da presença de artefactos cerâmicos nas artes de pesca da ilha de São Miguel, pesquisas realizadas no âmbito dos projectos de investigação do Centro de Estudos Etnológicos (Departamento de História) da Universidade dos Açores, inseridos nas actividades do Museu de Vila Franca do Campo.<sup>2</sup>

Os trabalhos incidiram sobre dois tipos de artefactos produzidos pelos oleiros vilafranquenses: pesos de barro das redes de arrastar e *caçarolas* de apanhar polvo.

Enquanto os pesos de barro foram estudados no contexto da cadeia diacrónica de inovações das redes de arrasto que visavam melhorar e aumentar a capacidade de captura da arte, aperfeiçoando a sua adaptação às difíceis características dos fundos marinhos, o estudo da teia de *caçarolas* debruça-se sobre uma iniciativa oficial gorada para introduzir nos Açores a técnica algarvia de captura diferida de polvo por meio de armadilhas cerâmicas lançadas de uma embarcação.

<sup>1</sup> Margarida Ribeiro, *Recolha do Polvo na Costa do Algarve*. Lisboa, 1970.

<sup>2</sup> O Centro de Estudos Etnológicos da Universidade dos Açores tem implementado vários projectos de pesquisa no domínio da etnologia marítima: *Arte popular marítima* (exposição permanente no Museu de Vila Franca do Campo); *Recolha de embarcações de pesca, cabotagem e recreio* (Museu de V. F. C.); *Recolha e estudo de artes de pesca* (Museu de V. F. C.); *Monografias sobre a pesca artesanal e industrial* (Arquivo do Centro de Estudos Etnológicos); *Trabalhos de etnomuseologia industrial sobre a pesca da baleia na ilha das Flores, na ilha do Pico e em São Miguel*.

Em qualquer um dos casos, estamos perante tentativas de inovação técnica no domínio dos sistemas de pesca nas quais teve parte activa a arte dos oleiros vilafranquenses.

Este trabalho teve a colaboração de pessoas e instituições às quais exprimo o meu reconhecimento:

Marítimos, oleiros e antigos vendedores de loiça de Vila Franca do Campo; Francisco Xavier de Sousa; Laboratório Marítimo da Guia, Cascais (João António de Matos Gomes, biólogo); Delegação Marítima de Vila Franca do Campo (Leandro Gorgulho Saraiva e José Calado Alexandre); Fábrica de Conservas de Peixe (Sociedade Corretora, Lda.), Vila Franca do Campo; Lotaçor (Fernando Lima Pacheco Leite); João da Rocha Nunes, monitor da extinta Escola de Pesca de Ponta Delgada; Capitania do Porto de Ponta Delgada (Luís Fernando Camos de Oliveira Rego, ex-Capitão do Porto e Manuel Silva); Cooperativa Porto de Abrigo CRL, Ponta Delgada (Liberato Fernandes, presidente); Museu Carlos Machado, Ponta Delgada (António de Oliveira, director e Clarinda Moutinho dos Santos, ex-técnica superior); Museu Nacional de Etnologia, Lisboa (Abílio Lima de Carvalho, ex-director); Museu de Arqueologia e Etnografia dos Distrito de Setúbal (Joaquina Soares, conservadora); Museu Marítimo "Almirante Ramalho Ortigão", Faro (Célia Matos); Museu do Ribeirão da Ilha, Florianópolis-Brasil (Nereu do Vale Pereira); Faculdade de Letras de Lisboa (Manuel Viegas Guerreiro e Joaquim Lino da Silva); Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil (Sílvio Coelho dos Santos); João Manuel Gonçalves, assistente do Departamento de Oceanografia e Pescas da Universidade dos Açores; José Damião Rodrigues, assistente de História da Universidade dos Açores; Padre João Caetano Flores; José Eduardo Silva Lopes; João Hipólito Costa Cabaço; Carlos Neves; Maria Lucinda Soares.

Cumprimento agradecer igualmente a colaboração empenhada e competente dos fotógrafos M. Soares (Lisboa), Gilberto Nóbrega (Ponta Delgada), do artista plástico José Bettencourt e do desenhador cartógrafo Lorena Silva.

## 1. EM TERRA DE OLEIROS, PESOS DE BARRO<sup>3</sup>

### 1.1. Contributos do mar e da terra

#### 1.1.1. *Um achado submarino*

Em Julho de 1985, Francisco Xavier de Sousa mergulhou, uma vez mais, nas águas transparentes, a Norte do Ilhéu de Vila Franca do Campo, esquadrinhando o fundo cheio de vida, à procura de algo com interesse biológico ou arqueológico. E, nesse dia, a sorte conduziu-o a um objecto arredondado, coberto de incrustações e algas coloridas que imediatamente recolheu e identificou como sendo um peso de rede, juntando-o à sua colecção de achados submarinos, onde o fomos descobrir mais tarde.<sup>4</sup>

Trata-se de um peso de barro cozido, de forma elipsóide, com furo cilíndrico axial. Na pasta castanha avermelhada, são visíveis grânulos escuros de minerais e rochas. As extremidades estão partidas e, devido à longa permanência no fundo do mar, a superfície encontra-se praticamente toda coberta de algas coralíneas encrustantes (manchas brancas), algas rodofíceas encrustantes não coralíneas (manchas vermelhas escuras e negras), foraminíferos (formações vermelhas) e tubos calcários de vermes poliquetas sedentários<sup>5</sup> (Figs. 1 e 2, Foto 1).

Dimensões: comprimento máximo, 96 mm; largura máxima, 80 mm; diâmetro do furo, 17 mm.

Peso: 550 gr.

<sup>3</sup> Uma versão deste capítulo foi incluída no meu trabalho, *A Cerâmica dos Açores. Sistemas Produtivos. Formas de Articulação e Processos de Mudança*. Ponta Delgada, Universidade dos Açores. Tese de doutoramento policopiada, pp. 162 a 179.

<sup>4</sup> O peso foi depositado no Museu de Vila Franca do Campo, encontrando-se exposto na secção de cerâmica.

<sup>5</sup> A análise biológica foi efectuada pelo Dr. João António de Matos Gomes do Laboratório Marítimo da Guia (Cascais) e consta de um documento datado de 28 de Outubro de 1987.

#### 1.1.2 *Uma descoberta na casa do mestre João Melro Negro*

Em Janeiro de 1992, quando se procedia a obras de reabilitação na loja de um imóvel de dois pisos, onde funciona actualmente o café restaurante "O Bravo", na Rua Vasco da Silveira n.º 16, junto do porto de Vila Franca do Campo, foram descobertos seis pesos de rede, em barro cozido, três dos quais foram oferecidos ao Museu de Vila Franca do Campo. Não apresentavam sinais de uso e estavam enterrados no local onde existiam dois tanques de salga, visto que este edifício e o que lhe confina a leste pertenceram a um proprietário da Vila da Povoação que os utilizava para salgar toninha (*Delphinus delphis* Linnaeus, 1758), albacora (*Thynnus brachypterus*), e bonito (*Thynnus pelamys*), nos anos trinta. Em 1941, esta casa foi alugada ao mestre arrais pescador João dos Santos Pacheco (João Melro Negro) (1907 - 1973) que nela viveu até 1947. Os pesos de barro devem ter-lhe pertencido, pois o mestre João dos Santos Pacheco utilizava este tipo de lastro na sua rede de arrasto<sup>6</sup>. Em face destes dados, podemos concluir que os seis pesos de barro são anteriores a 1947 e devem ter sido feitos na década de 40. O facto de não mostrarem sinais de uso pode indicar que se destinavam a substituir os que frequentemente se partiam.

Estes pesos, morfologicamente idênticos ao descoberto no fundo do mar, são, porém, mais pequenos e mais leves. As extremidades são direitas, por terem sido cortadas com uma lâmina metálica, durante o processo de feitura, eliminando-se, desta forma, quaisquer arestas prejudiciais ao entalhamento. Este pormenor pode indicar que todos eles saíram da mesma oficina.

Os exemplares recolhidos no museu têm a superfície acinzentada, irregular e áspera, a pasta pardo-acastanhada, com grânulos de minerais e rochas bem visíveis (Fig. 3, Foto 2). Apresentamos aqui apenas as dimensões e o peso do exemplar desenhado.

<sup>6</sup> A rede teria sido adquirida no início da década de 30. No entanto, de acordo com os elementos existentes na Delegação Marítima de Vila Franca do Campo, o mestre João dos Santos Pacheco adquiriu um arrasto de 95 braças de comprimento, em 1949.

Dimensões: comp. 66 mm; larg. 55 mm; diâm. do furo, 11 mm.  
Peso: 215 gr.

## 1.2. Feitura e circulação dos pesos de barro

### 1.2.1. Técnicas de feitura

Os pesos de cerâmica eram feitos pelos oleiros de Vila Franca do Campo a fim de satisfazerem encomendas de pescadores, não sendo, portanto, peças de produção corrente. A sua feitura deve ter-se extinguido, progressivamente, na década de 40, época em que foram substituídos, nas redes de arrasto, por pesos de cimento, de pedra e também por chumbadas.

Todos os pesos de barro que observámos foram feitos à mão, pela técnica da modelagem. Para o efeito, os oleiros recorriam ao *barro de pedra (coroço ou caroço)*, argila caldeada com pedras e outras impurezas extraídas no barro quando este era *sovado* sobre o *banco* da roda.

Do *caroço* tiravam o maior (pedras de maior dimensão) e com o mais miúdo faziam tijolos para forno de pão, telhas para enfiar louças e pesos para rede (*pandulhos de loiça*). O *caroço* era rolado nas mãos até adquirir a forma *elipsoidal* e, por fim, furavam-no longitudinalmente com um *pauzinho* de madeira.

Quando atingiam o desejável grau de secagem, os *pandulhos* eram colocados nos lados do forno para saírem mais bem cozidos, uma vez que tinham que aguentar as sucessivas imersões na água salgada e os repetidos choques durante o arrasto.

Porém, nem todos os *pandulhos* de barro teriam sido feitos pela técnica da modelagem. O mestre José Vicente (1918 - ) foi peremptório em afirmar que o avô, o pai e ele próprio tinham feito *pandulhos* no torno, com auxílio da *racha* de cana (Fotos 4 a 21). Segundo nos afirmou, na oficina do pai tornearam-se séries de 400 e 500 *pandulhos*, porque *coziam de ano a ano* e precisavam de satisfazer as inúmeras encomendas dos pescadores que tinham de ter sempre pesos de reserva. Estes pesos eram cozidos no meio do forno, nos *buraquinhos da loiça grada*, ou seja, nos espaços que ficam entre os recipientes enfiados.

Os pesos feitos ao torno consomem menos barro visto serem necessariamente ocos, mas esta característica torna-os mais leves e mais frágeis.

Os *pandulhos* torneados por José Vicente têm forma elipsóide, superfície lisa, extremidades direitas e vasadas por um furo circular e uma cavidade interior. As paredes internas conservam o estriado característico resultante da acção da *racha* (Fig. 4, Foto 3).

Dimensões: comp. 76 mm; larg. 53 mm; diâm. do furo, 12 mm.  
Peso: 155 gr.

### 1.2.2. Troca de peixe por pesos de barro

Os pesos de barro eram comprados pelos proprietários das redes, muito embora, frequentemente, os oleiros ou os vendedores de loiça os oferecessem aos marítimos que, reconhecidos, retribuía com peixe, quando o apanhavam.

As trocas efectuadas satisfaziam o interesse de cada interveniente na obtenção de bens que lhe eram necessários e, simultaneamente, estabeleciam-se relações sociais específicas entre dois grupos profissionais e dois espaços de actividade-residência.

Embora a oferta dos pesos de rede fosse apresentada como um acto de generosidade desinteressada, o conhecimento da técnica de feitura mostra que a produção de *pandulhos* contribuía para o aproveitamento do barro impróprio para tornearem recipientes, rentabilizando-se assim toda a matéria-prima, importada, de modo a obter um lucro adicional.

### 1.3. A expressão "pandulhos de loiça"

Entre os pescadores e os oleiros mais velhos de Vila Franca do Campo, os pesos de barro são conhecidos por *pandulhos de loiça* e, mais raramente, por *pandulhos de barro*. Da boca de um pescador ouvimos igualmente a expressão *pedras de oleiro*.

Na ilha de S. Miguel e na ilha Terceira, o termo *pandulho*<sup>7</sup> designa os pesos de pedra, fixos ou volantes, usados ainda em muitas redes, nalgumas artes de anzol e em armadilhas (*cofres*)<sup>8</sup>.

Baldaque da Silva restringiu o uso do termo ao pequeno saco alongado de coiro ou pano, cheio de *pedrullo* (pedrinha miúda) ou areia que lastra as redes de emalhar e de arrastar usadas nos rios Minho e Lima e nas costas minhotas<sup>9</sup>.

No entanto, os pesos de barro subcirculares das *chinchas* (redes de arrasto), usadas na ria de Aveiro<sup>10</sup> e na Figueira da Foz<sup>11</sup>, são conhecidos também por *pandulhos*. E no Algarve (Fuzeta), o termo aplica-se ao lastro de pedra das artes de anzol e da arte de sacada assim como ao grande peso da pedra usado para prender ao fundo as redes de emalhar<sup>12</sup>. Nas ilhas da Madeira e do Porto Santo, designa os pesos de pedra de aparelhos de pesca<sup>13</sup>, enquanto nas ilhas Canárias se

chama *pandullo* (do port.) à poita de pedra utilizada para fundear embarcações pequenas<sup>14</sup>.

Podemos concluir que o termo *pandulho* é usado no continente português e nos arquipélagos dos Açores e da Madeira para designar diferentes tipos de lastro (pedras, sacos de pedrullo, pesos de barro) dos aparelhos de pesca, não se aplicando, porém, aos pesos de chumbo (*chumbadas*). As expressões *pandulho de loiça*, *pandulho de barro e pedra de oleiro*, usadas em Vila Franca do Campo, indiciam uma anterioridade dos pesos de pedra relativamente aos pesos de barro e devem ser uma criação dialectal micalense.

#### 1.4. Pesos de barro e redes de arrasto

##### 1.4.1. As artes de arrastar

Os pesos de barro eram usados nas *redes de arrasto* (*redes de praia*) destinadas à apanha costeira de "peixe de comer". Na ilha de São Miguel, estas redes eram utilizadas exclusivamente na zona oriental da costa sul e na costa leste, onde as inúmeras praias abrigadas e a existência de areia permitem arrastar os aparelhos pelo fundo. A restante orla marítima é alcantilada, inacessível, e os poucos areais existentes são considerados perigosos devido às correntes de maré e à forte rebentação. Em 1949, existiam 23 arrastos na citada área: Água d'Alto 1, Vila Franca do Campo 10, Ribeira Quente 6, Faial da Terra 1, Povoação 4 e Nordeste 1<sup>15</sup> (Mapa 1).

O *arrasto* de Vila Franca do Campo é uma rede envolvente, de arrastar pelo fundo, com saco, lançada de uma embarcação e alada para a praia<sup>16</sup>. Esta arte de rede é constituída por quatro partes

7 Os filólogos defendem que *pandulho* (p=b) derivou do latim *pantuculu*, dim. de *pantex* (pança).

J. Joaquim Nunes, *Phonetica histórica portuguesa*, in "Revista Lusitana", Porto, 3(2), 1893-1894, p. 292.

Antenor Nascentes, *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, Rio de Janeiro, 1932, p. 97.

8 Armando da Silva, *Ethnographia açoriana. A alfaia marítima da ilha de S. Miguel*, in "Portugalia", Porto, 1, 1093, pp. 838, 840, 841, 844, 946. Apesar do título se referir à ilha de São Miguel, os elementos deste trabalho foram recolhidos por Augusto Cabral em Ponta Delgada.

9 *Inquérito Industrial de 1890, 5. A Pesca*, Lisboa, 1981, pp. 32, 33, 53, 55, 73, 76, 122. Baldaque da Silva, *Estado actual das pescas em Portugal*, Lisboa, 1892, pp. 192, 193, 231, 241, 285, 286 e 506.

Na Galiza, o mesmo tipo de lastro é designado por *pandullo* (do port.). Aliseo Alonso, *Pescadores del Mino Gallego Portugues*. In "Actas do Colóquio Santos Graça de Etnografia Marítima", 2. Póvoa de Varzim, 1985, pp. 71 e 75.

10 *Inquérito Industrial de 1890, 5. A Pesca*, Lisboa, 1891, p. 232.

11 *Idem*, p. 267.

J. Leite de Vasconcelos, *Etnografia portuguesa*, 5, Lisboa, 1967, p. 374.

Ernesto Veiga de Oliveira, Fernando Galhano e Benjamim Pereira, *Actividades agro-marítimas em Portugal*, Lisboa, 1975, p. 131.

12 Carlos Manuel Ramos de Oliveira, Fuzeta, Uma abordagem antropológica, in "Estudos Políticos e Sociais", Lisboa, 8 (3-4), 1970, pp. 679 e segs, 706, 707.

13 Eduardo Pereira, *Ilhas de Zargo*, 1, Funchal, s.d. p. 425.

Eduardo António Pestana, *Ilha da Madeira*, 2, Funchal, 1970, p. 102.

Maria de Lurdes de Oliveira Monteiro, Porto Santo. Monografia linguística, etnográfica e folclórica, in "Revista Portuguesa de Filologia", Coimbra, 2 (1 e 2), 1984, p. 36.

*Idem*, 3 (1 e 2), 1949-1950, p. 143.

14 José Pérez Vidal, Influências portuguesas en la cultura tradicional marinera de Canarias. In "Actas do Congresso Internacional de Etnografia promovido pela Câmara Municipal de Santo Tirso de 10 a 18 de Julho de 1963", 5, Lisboa, s.d., p. 229.

15 Elementos recolhidos no arquivo da Delegação Marítima de Vila Franca do Campo.

16 E. Nédélec, *Definição e classificação das categorias de artes de pesca*, Lisboa, 1986, pp. 9 e 10.

O *Inquérito Industrial de 1890* refere-se apenas a duas *redes de arrastar para terra com saco* existentes na ilha do Faial e importadas da América. *Op. cit.*, p. 535.

Na mesma época, existia no Funchal (Madeira) uma rede deste tipo, vinda de Inglaterra. *Idem*, p. 473.

principais (*saco*, *estremalho*, duas *bandas* e duas *cordas de alar*), tendo panos de duas cores: o *saco* e o *estremalho* são vermelhos e as *bandas* são brancas<sup>17</sup> (Fig. 5).

O *saco* cónico tem a *ponta* (*pernil*) aberta e um *atilha* que permite fechá-la no momento adequado. É feito com malha de 20 mm<sup>18</sup>, pode ter 8 a 9 *braças* de comprimento<sup>19</sup> e é armado com *rodas de crescentes* (7 a 9) que vão estreitando da *boca* para a *ponta*. Esta termina num *pernil* feito com malha de 8 mm (*malheiro de pernil*), que pode ter 1,5 *braça* de comprimento. Quando se pretendia apanhar sardinha miúda (*petinga*), a *ponta do saco* (*pernil*) era *vestida* interiormente ou exteriormente com uma rede de *malha miudinha* (5 mm), designada por *saia*<sup>20</sup>. Como a *saia* era proibida, tinha de ser tirada antes do barco chegar ao porto.

O inventário das redes de arrastar para terra existentes nas ilhas de Santa Maria (3), São Miguel (25), Terceira (4) e Graciosa (1) não explicita a existência de *saco*. Em 1984, L. Fernandes inventariou apenas quatro redes de arrastar: Santa Maria (Vila do Porto - 1), Terceira (Porto de Pipas - 1 e Praia da Vitória - 1), Faial (Praia do Almoxarife - 1). Luís M. R. Fernandes. *Artes de pesca artesanal nos Açores*. Ponta Delgada, 1984, pp. 34, 36, 45, 72, 73, 133.

As redes de arrastar com *saco* utilizadas na ilha Terceira foram descritas nos seguintes trabalhos: Frederico Lopes. A pesca na ilha Terceira, in "*Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*". Angra do Heroísmo, 6, 1948, pp. 69, 70. Maria Alice B. L. Dias. *Ilha Terceira. Estudo de linguagem e etnografia*. Angra do Heroísmo, 1982, pp. 209, 210. O arrasto com *saco* da ilha de Faial foi descrito por Maria de Fátima F. Baptista. *Ilha do Faial. Açores. Contribuição para o estudo da sua linguagem, etnografia e folclore*. Coimbra, 1970. Dissertação de licenciatura policopiada (Faculdade de Letras); pp. 212, 213. Podem encontrar-se descrições deste tipo de redes, existentes no Continente Português, nas seguintes obras: Baldaque da Silva. *Estado actual das pescas em Portugal*. Lisboa, 1892, pp. 242 a 248. Ernesto Veiga de Oliveira, Fernando Galhano e Benjamim Pereira. *Actividades agro-marítimas em Portugal*. Lisboa, 1975, pp. 130 a 133, e 175 a 180. Carlos Diogo Moreira. *Populações marítimas em Portugal*. Lisboa, 1987, pp. 431 e segs.

17 A cor branca espanta o peixe que foge para dentro do *saco*.

18 Segundo a prática dos pescadores, a *bitola* ou padrão da rede é a distância entre dois nós com a malha esticada.

19 A medida do *saco* era importante porque, quanto maior fosse, melhor apanhava o peixe. Em Vila Franca do Campo, as unidades usadas para medir as redes são a *braça* e a *linha* que equivale a vinte e duas *braças*. A *braça* equivale à distância entre as mãos medida com os braços bem abertos. De acordo com as medições a que assisti, a *braça* vilafranquense equivale a 1,5 metro.

Em Ponta Delgada, a *linha* equivalia a vinte e quatro *braças* e cada *braça* a 1,8 metro. Armando da Silva. *Ethnographia açoriana. A alfaia marítima da ilha de São Miguel*, in "*Portugalia*". Porto, 1, 1903, p. 844 (nota 1).

20 Na linguagem codificada dos pescadores, a *saia* é designada por *pernil*, o que permitia aludir ao seu uso sem despertar suspeitas na fiscalização.

A *boca do saco* é redonda devido à *roda dos encontros* (*roda do saco*)<sup>21</sup> que o liga ao centro do *estremalho*. A meio da orla superior da *boca do saco*, prende-se uma grande bóia pintada de branco (*bóia do saco*), por vezes só amarrada no momento de lançar a rede, e que permite aos homens de terra centrar e orientar o *saco* durante o arrasto.

O *estremalho*<sup>22</sup> é uma rede de malha de 10 mm, formada por vários panos, e que pode ter 27 *braças* de comprimento e 5 *braças* de altura.

De um lado e de outro do *estremalho*, encabeçam duas *bandas*, redes de malha branca e larga (120 mm) constituídas por vários panos e que atingem 5 a 6 *braças* de altura máxima.

As *bandas* são também designadas por *panos brancos*, *rede branca* ou *rede de malha larga*. A altura do arrasto decresce do *estremalho* para a extremidade livre de cada *banda* (*boca do talão*) com cerca de 4,5 *braças* e guarnecida por uma linha que não deixa *escalar* (rasgar) a rede<sup>23</sup>.

A *dobrada*<sup>24</sup> superior das *bandas* e da *boca do saco* é guarnecida pela *tralha das cortiças* e a *dobrada* inferior pela *tralha dos*

21 Os *encontros* são os quatro pontos onde se unem as ligações do *saco* ao *estremalho*. As ligações formam dois quadrados, um em cima e outro em baixo (*quadrados dos encontros*). Os *encontros* é que abrem a *boca do saco*.

22 O termo *estremalho* é, provavelmente, uma corruptela de *tresmalho*.

O *tresmalho* de São Miguel (Ponta Delgada) e o *tresmalho* da ilha Terceira (São Mateus), que tem três malhagens, são redes de cercar simples que podem atingir grandes dimensões. Nestes dois casos açorianos, o termo afasta-se do sentido corrente e não designa uma rede de emalhar de três panos sobrepostos (rede tripla), embora, no caso terceirense, se aplique a uma rede de três malhas.

Armando da Silva. *Ethnographia açoriana. A alfaia marítima da ilha de S. Miguel*, in "*Portugalia*". Porto, 1, 1903, p. 838 e 841. Frederico Lopes. A pesca na ilha Terceira, in "*Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*". Angra do Heroísmo, 6, 1948, pp. 70, 71. Maria Alice B. L. Dias. *Ilha Terceira. Estudo de linguagem e etnografia*. Angra do Heroísmo, 1982, p. 213. Gaspar Frutuoso. *Livro quarto das Saudades da Terra*, 2. Ponta Delgada, 1981, p. 26.

Idem. *Livro sexto das Saudades da Terra*. Ponta Delgada, 1978, pp. 18 e 33. De salientar que no rio Mondego se utiliza uma rede de arrastar sem *saco* denominada *estremalho*. Baldaque da Silva. *Estado actual das pescas em Portugal*. Lisboa, 1892, pp. 302, 303.

23 Na Ribeira Quente e na Povoação, a extremidade livre de cada *banda* era presa num pau que mantinha a rede em posição vertical.

24 Orla da rede.

*pandulhos*. A bitola da *tralha das cortiças* é superior à da tralha dos *pandulhos* porque tem de aguentar o esforço de tracção dos cabos de alar. Nas *bandas*, o espaço entre as duas tralhas é conhecido por *seio da rede*.

As *dobradas da rede*, as *cortiças* e os *pandulhos* são cosidos às respectivas *tralhas* com uma linha (30 / 12), chamada *entralhe* ou *entralhadura*, que prende de 7 em 7 malhas (1 *entralhe*), na *malha miúda*, e de uma em uma, na *malha larga*. A equidistância das *cortiças* circulares é normalmente de 5 entralhes (35 malhas) e a dos *pandulhos de barro* é de 10 entralhes. No arrasto, o cálculo preciso da equidistância dos *pandulhos de barro* era da maior importância, pois um afastamento excessivo permitia a curvatura da tralha intervalar possibilitando a fuga do peixe<sup>25</sup>.

Na *boca do talão*, as pontas das duas tralhas terminam numa *arça* (alça) à qual se prende o *talão de duas pernadas* (*talão das bandas*), tendo a superior 3 braças e a inferior 6 braças. A *pernada superior* é mais curta para que a força de tracção se exerça unicamente na *tralha das cortiças*. A *pernada inferior* fica lassa, permitindo que a *tralha dos pandulhos* se desloque no fundo e impeça o peixe de se escapar.

Quando a rede é lançada ao mar, o mestre do barco ata um *pandulho de pedra* (*pandulho de pôr e tirar* ou *pandulho da boca do talão*) na *arça* existente nas duas extremidades da tralha do lastro<sup>26</sup>. Este *pandulho* tem um rasgo (*cava*), feito com a *picareta*<sup>27</sup>, para fixar o *atilho*, sendo retirado da rede e guardado quando esta chega à praia.

Cada talão termina numa *arça*, à qual se prendem as *cordas* de puxar o arrasto, em espadana (*Phormium tenax* Forst), com meia polegada de espessura e 5 a 6 *linhas* de comprimento<sup>28</sup>. No momento de as lançar ao mar, e para as aguentar por cima da água, prendiam-

25 O lastro tinha de anular a flutuabilidade das bóias.

26 Este *pandulho de pedra* só era colocado se os fundos fossem de areia. Nos fundos pedregosos, prendia-se com muita facilidade (*enrocava*). Quando isto acontecia, a força feita para safar a arte rompia o *atilho* do *pandulho* que funcionava como sistema de segurança, permitindo salvar a rede.

27 Martelo com dois gumes, um paralelo e outro perpendicular ao cabo.

28 Cada um dos alares era constituído por várias cordas unidas, por exemplo 6 cordas de 22 braças.

-lhes, de vinte em vinte *braças*, bóias de criptoméria (*Cryptomeria japonica* [L. fil] D. Don), cilíndricas, com uma extremidade afilada e adelgaçada, onde existe um furo de amarração<sup>29</sup> (Fig. 6, Foto 22).

A rede de arrasto acima descrita é considerada grande. No entanto, havia e ainda há arrastos com menores dimensões, designados por *estremalhos* ou *estremalinhos*<sup>30</sup> que eram lastrados com *pandulhos de loiça* mais pequenos e podiam até ser usados entre as rochas ou em sítios muito baixos e com pouca areia.

Como acessório dos arrastos maiores e, sobretudo, do *estremalho* e do *estremalinho*, utilizava-se uma *vara com espantalho* (cana-da-índia com um pedaço de rede branca na ponta), que servia para os homens da terra ou do barco *esfregulharem no fundo*, espantando o peixe para dentro do *saco*.

Ainda na década de 40, os panos das redes eram *lavrados* por mulheres de pescadores (*lavradeiras*) que se especializavam nesta tarefa, executada com o auxílio de uma *agulha* que podia ser de cana-da-índia, de madeira, de *osso de baleia* ou de alumínio<sup>31</sup> e das bitolas do malheiro em madeira (*palhetas*). As *lavradeiras* usavam dois tipos de fio de algodão: o *ginjim*, mais torcido e elástico, e o *fiado*, mais forte e mais teso, substituídos na década de 40, pelos fios de nylon. Em seguida, as redes eram armadas e entralhadas pelos marítimos<sup>32</sup>.

A cor vermelha das redes de algodão era conseguida e mantida com uma tingidura anual. A tinta era preparada pelas mulheres e, eventualmente, por alguns homens. Para a fazer, recorria-se à casca do vinhático (*Persea indica* (L.) K. Speng.) ou do pinho (*Pinus pinaster* Ait) que era pisada a martelo sobre uma pedra e fervida, cerca de 2 horas, numa panela de ferro de 20 canadas, mexendo bem. Por fim deitava-se uma mão de sal ou de cinza e mexia-se para

29 Estas bóias eram normalmente pintadas de branco ou de vermelho, o que as protegia do sol quando estavam desamarradas na praia.

30 Ver nota 22.

31 A *agulha* de cana-da-índia é considerada a melhor pois, quando bem polida, *corria como uma seda*, embora pudesse sempre espetar uma farpa na mão.

32 Recolhemos informes de que os sacos das redes de arrastar eram também encomendados em Rabo de Peixe, o mais importante centro piscatório da ilha de São Miguel. Não foi possível confirmar esta informação.

*arroxar a tinta*. Depois de arrefecer, a tinta vazava-se numa *dorna*<sup>33</sup>, onde a rede era mergulhada e calçada, durante dois dias, sob uma pedra de 20 a 30 quilos. Seguidamente, era escorrida sobre um pau assente em duas *dornas* e estendida a secar ao sol.

As redes de arrasto estragavam-se muito na faina e tinham de ser concertadas por especialistas, os *arremendadores*, que também *armavam redes*.

Alguns pescadores faziam cordas de espadana com o auxílio de *carritéis*.

As redes de arrastar foram sofrendo transformações significativas ao longo do tempo. No século passado, as malhas da rede eram lavradas com fio de linho<sup>34</sup>, substituído, no nosso século, pelo fio de algodão e pelo fio de *nylon* que torna as artes mais leves.

A partir dos finais do século passado, começaram a chegar, dos Estados Unidos e da Alemanha, panos de rede que eram armados localmente.

As cordas de espadana foram igualmente abandonadas em favor das cordas de nylon. Esta mudança, vantajosa na *tralha* das *cortiças*, porque o *nylon*, mais leve, aumentou o poder de flutuabilidade da arte, traduziu-se em desvantagens, na *tralha dos pandulhos*, visto que a corda de espadana, mais grossa e absorvente, assentava melhor e mais rapidamente no fundo devido ao peso.

Os flutuadores entalhados mais antigos eram discos de madeira com um furo a meio, tendo sido substituídas, nos anos 30, por cortiça de forma idêntica<sup>35</sup> que, por sua vez, deram lugar a flutuadores de plástico, nos nossos dias.

A *bóia do saco* era um toro de madeira afilado numa extremidade, onde existia um furo de amarração. Este tipo de bóia foi substituído por uma peça de cortiça rectangular pintada de branco e, recentemente, por flutuadores cilíndricos de plástico. As bóias de madeira das cordas de alar, idênticas às primitivas *bóias do saco*, caíram em desuso e não foram substituídas.

33 Utilizavam frequentemente barris de cimento cortados ao meio.

34 *Inquérito Industrial de 1890*, 5, *A Pesca*, Lisboa, 1891, p. 504.

35 As cortiças tinham 85 mm de diâmetro, 45 mm de espessura e um furo de 25 mm.

Também os *pandulhos de barro* das *bandas* se viram rejeitados, nos anos 40, altura em que se optou por pandulhos de cimento e *pandulhos de pedra*, volantes e descartáveis, aspecto sobre o qual nos deteremos mais adiante. Fizeram-se tentativas de colocar *chumbadas* no arrasto, mas estas não deram resultados satisfatórios.

#### 1.4.2. Os pesos de barro na evolução técnica do arrasto

Tanto as artes de rede como as artes de anzol, utilizadas na ilha de São Miguel e em todas as ilhas do arquipélago açoriano, são lastreadas com pedras apanhadas no abundante *calhau* da orla marítima. Que razões levariam então os marítimos vilafranquenses a utilizarem pesos de barro nas redes de arrastar, tendo de os comprar aos oleiros?

As opiniões recolhidas foram unânimes em afirmar que os pesos de barro se mostraram particularmente adequados para lastrar este tipo de redes. O barro permitia a manufactura de pesos de enfiar na tralha, sendo estes feitos em série, a forma, o tamanho, e o peso eram relativamente iguais, à semelhança da uniformidade das cortiças, características impossíveis de obter com a pedra do *calhau*. Os *pandulhos de barro*, quando correctamente distribuídos, mantinham a tralha bem horizontal e rente ao fundo, impedindo a fuga do peixe e garantindo o êxito da pescaria. Além disso, o peso podia ser controlado de forma a levar a rede rapidamente para o fundo, mas sem dificultar o avanço da arte nos fundos de areia nem lhe romper as malhas de encontro às pedras. Por outro lado, os *pandulhos* podiam rodar na tralha e a forma elipsóide assim como o alisamento da superfície facilitavam o deslocamento da rede e não feriam tanto as malhas.

Porém, os *pandulhos* de cerâmica também apresentavam alguns inconvenientes derivados da feitura e do modo de colocação na tralha. Por serem de barro cozido, partiam-se muito nas pedras do fundo e tinham de ser substituídos. E os oleiros, cozendo de meses a meses, nem sempre os tinham para fornecer.

Por serem de enfiar na tralha, eram difíceis de substituir e de desprender do fundo. Quando se partia um *pandulho*, colocava-se outro no lugar, mas por fora da tralha, para não desmanchar a rede. Por vezes, os pesos de barro prendiam-se nas *taliscas das pedras* e as

tentativas para safar a rede acabavam por rebentar a tralha e os próprios panos.

A razão invocada pelos marítimos para começarem a fazer *pandulhos* de cimento, idênticos aos de barro, nos anos 40, foi o quererem libertar-se da dependência dos oleiros. Para o efeito, utilizavam um molde de madeira de duas metades, fazendo séries de 60 e 70 *pandulhos* e secando-os sobre uma superfície de areia. Embora tivessem de adquirir a matéria-prima no comércio, os pescadores podiam agora controlar o processo de feitura dos pesos da rede de arrastar.

Entretanto, um outro factor teve influência decisiva nas mudanças operadas a nível do lastro. Na década de 30, para aumentarem a produção, os marítimos passaram a fazer grandes arrastos, com mais de cem braças de comprimento<sup>36</sup>. Estas redes, quando *alagadas*, procuravam o fundo por si, mas andavam pouco ligeiras, porque os *pandulhos* de loiça ou de cimento eram muito levinhos e custavam a levar o aparelho abaixo.

Para ultrapassar este problema tal como para os inconvenientes dos pesos de barro, os pescadores começaram a embrulhar *pedras da costa* no seio das bandas quando as lançavam ao mar. A rede, agora mais pesada, envolvia-se na areia durante o arrasto e mantinha-se rente ao fundo, embora muitas pedras se perdessem pelo caminho<sup>37</sup>. Esta inovação que conduziu ao abandono definitivo dos pesos de barro e de cimento, alterou a estrutura da arte assim como o processo técnico de utilização, sendo rapidamente adoptada em todas as redes de arrastar. A ideia do novo tipo de lastro é atribuída ao mestre António da Costa Realejo (1897 - 1972) que, em 1939 / 40 mandou os rapazes buscar dois foles de pedra no calhau para substituir os *pandulhos* de barro.

Todavia, os *pandulhos* de pedra, volantes e descartáveis, além de não permitirem uma lastragem regular, rebentavam mais a rede,

36 Em 1939, o comerciante Humberto Patrício adquiriu uma rede de arrastar com 142 braças de comprimento. Informação recolhida no arquivo da Delegação Marítima de Vila Franca do Campo.

37 Os *pandulhos* embrulhados com mais habilidade podiam chegar todos a terra, o que era fonte de prestígio para o mestre lançador.

*faziam muita perca no aparelho*, pois iam rolando, batendo e partindo as malhas, razão pela qual se fizeram tentativas de os substituir por *chumbadas* feitas na Vila ou adquiridas no comércio. Esta tentativa de inovação não resultou porque os chumbos enterravam-se profundamente na areia e *nem com uma junta de bois se podia puxar a rede*.

Com a finalidade de melhorar a produção, os pescadores foram aperfeiçoando as redes de arrastar, alterando-lhes as dimensões e adoptando novos materiais. A análise das modificações operadas nos pesos parece demonstrar que a rede de arrastar micaelense, como sistema técnico de pesca, tem o seu elemento nevrálgico no lastro, pois é através dele que a arte se adapta às características particularmente difíceis dos fundos açorianos, o que levou à procura constante de soluções eficazes que, num determinado momento, passaram pela arte dos oleiros de Vila Franca.

#### 1.4.3. Os *pandulhos* de barro vilafranquenses na tipologia dos pesos cerâmicos

Uma nova questão levanta-se agora: teriam os pesos de barro acompanhado a introdução da rede de arrastar na ilha de São Miguel ou resultaram de uma inovação local posterior? Sobre este problema as opiniões dos marítimos divergem. Uns pensam que este tipo de redes assim como os *pandulhos* de loiça vêm do princípio do mundo<sup>38</sup>. Mas recolhemos duas versões defendendo que os pesos de barro teriam sido adoptados em Vila Franca do Campo no século passado. Uma delas afirma que o oleiro Mariano de Melo, ao regressar do norte do Brasil (Belém do Pará), onde esteve emigrado, trouxe a ideia de lastrar o arrasto com *pandulhos* de barro e ele próprio teria possuído uma rede com estas características. Como não consegui obter elementos sobre o lastro das redes da região do Pará<sup>39</sup>,

38 A explicação mítica do arrasto será analisada em 1.6.

39 Na bibliografia consultada não encontrei referências ao uso de pesos de barro nas "redes de arrastão" do Pará. Lourdes Gonçalves Furtado, *Curralistas e Redeiros de Marudá, Pescadores do Litoral do Pará*. Pará, 1987. Maria Magdalena Vieira Pinto, Contribuição ao estudo da pesca na região do rio Ararí (ilha Marajó), in "Revista Brasileira de Geografia", Rio de Janeiro, 18 (3), 1956, pp. 373 - 407 (pesca flúvio - lacustre).

o problema da hipotética influência brasileira nas redes de Vila Franca do Campo tem de ficar em aberto. Porém, a questão ganha um novo interesse se enquadrada no complexo de interinfluências entre as áreas culturais portuguesas e brasileiras e, nesta perspectiva, podemos adiantar que, em Florianópolis (Santa Catarina), foram descobertos pesos de cerâmica cilíndricos, datados de meados do século XIX e atribuídos por Nereu do Vale Pereira aos descendentes dos açorianos que se estabeleceram naquela região do sul do Brasil, no século XVIII<sup>40</sup> (Fig. 7).

A outra versão sobre a origem dos pesos cerâmicos vilafranquenses, sustentada pela família de pescadores de apelido *Intenda*, atribuído ao mestre João da Ponte (João *Intenda*) (1898 - 1956) a iniciativa de substituir os pandulhos de pedra amarrados à tralha por pesos de barro, feitos por encomenda. Esta versão é igualmente difícil de comprovar. Não obstante, parece-nos oportuno lembrar que o uso de pesos de barro em redes de arrastar (chinchas e chinchorros) é antigo nos estuários do Tejo e do Sado. Este facto é ilustrado por uma postura da Câmara de Lisboa, datada de 12 / 10 / 1591, que impôs a substituição dos chumbos por "bolas de barro cozidas" com a finalidade de impedir que o chinchorro revolvesse o fundo e apanhasse a criação miúda<sup>41</sup>. Referências a este tipo de lastro apareceram, posteriormente, em consultas da Câmara de Lisboa, datadas de 6 / 7 / 1647 e de 12 / 12 / 1672<sup>42</sup>. A designação de "bolas de barro" faz-nos pensar num tipo de peso muito próximo do de Vila

40 Os pesos de barro foram descobertos em escavações realizadas em 1982, na área central de Florianópolis. Nesta região catarinense, as redes eram igualmente lastradas com saquinhos de areia alongados, idênticos aos usados nas costas minhotas. As populações indígenas usavam pesos de pedra de suspender na rede. Carta de Nereu do Vale Pereira, datada de 25 de Maio de 1991, acompanhada de documentação fotográfica. Mais a norte, no Paraná, os pescadores de Guaraqueçaba (Curitiba) usavam para lastrar as redes, além dos saquinhos de areia alongados, pesos de barro subcirculares com dois orifícios de amarrar à tralha, idênticos aos da costa continental portuguesa entre os rios Minho e Mondego. Júlio Alvar e Janine Alvar. *Guaraqueçaba. Mar e Mato*, 2. Curitiba, 1979, figura 163.

41 Eduardo Freire de Oliveira, *Elementos para a história do Município de Lisboa*, 2. Lisboa, 1882, p. 427.

42 Fernando Gomes Pedrosa. A Evolução das artes de pesca em Portugal, in "*Anais do Clube Militar Naval*". Lisboa, 115, 1985, p. 299.

Franca do Campo, cujo modelo, aliás, foi usado pelos romanos de Tróia (Setúbal)<sup>43</sup>.

Consequentemente, parece-me indispensável comparar os *pandulhos de barro* vilafranquenses com os pesos cerâmicos portugueses. Na costa norte do continente, entre os rios Minho e Mondego, havia diferentes redes de arrastar, com ou sem saco, usadas na pesca do caranguejo pequeno e da sardinha, lastradas com pesos de cerâmica.

Estes pesos subcirculares, com dois furos de fixação à tralha, eram designados por *tijolos*, *telhas*, *cacos*, *bolos* (Afurada - Gaia e Praia da Aguda) ou *pandulhos* (Ria de Aveiro, Figueira da Foz)<sup>44</sup>.

Também nalgumas armações fixas de pesca diferida se usaram pesos de cerâmica. Em Peniche, as armações redondas de sardinha tinham redes lastradas com pesos de barro feitos na povoação de Geraldês e designados por *bolos*<sup>45</sup>. Graças às recolhas efectuadas por José Damião Rodrigues, é possível afirmar que os pescadores de Peniche usaram três tipos diferentes de pesos cerâmicos modelados, todos eles de enfiar na tralha<sup>46</sup>:

a) Peso troncónico oblíquo de lados convexos e furo cilíndrico axial. Pasta castanho avermelhado, onde é visível o material não plástico (quartzo) (Fig. 8, Foto 23).

Dimensões: eixo, 62 mm; diâm. máx., 80 mm; diâm. do furo, 22 mm.

Peso: 305 gr.

43 É o que se depreende da documentação exposta no Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal que observámos em 1987. Um peso de barro romano do tipo em análise está exposto no Museu Nacional de Arqueologia (Lisboa).

44 *Inquérito Industrial* de 1890. 5. *A Pesca*, Lisboa, 1891, pp. 184-267.

J. Leite de Vasconcelos, *Etnografia portuguesa*, 5, Lisboa, 1967, p. 374.

Ernesto Veiga de Oliveira, Fernando Galhano e Benjamim Pereira, *Actividades agro-marítimas em Portugal*. Lisboa, 1975, p. 131.

Mike Webere Dirk Bleiker, *Marés da Aguda. A pesca "artesanal" na Praia da Aguda*. Porto, 1991, pp. 33, 34, 35, 53.

45 Baldaque da Silva, *Estado actual das pescas em Portugal*. Lisboa, 1892, p. 232 (desenho).

46 Os pesos *b* e *c* foram recolhidos no areal da Consolação e há muito que não são usados nas redes de pesca. O peso *a* foi também recolhido numa praia de Peniche.

b) Peso anelar troncónico de lados convexos. Pasta cor de cinza, avermelhada no interior, com material não plástico fino e abundante (quartzo) (Fig. 9, Foto 24).

Dimensões: diâm. máx., 45 mm; espessura, 22 mm; diâm. do furo, 22 / 30 mm.

Peso: 45 gr.

c) Peso ovuliforme alongado com furo na extremidade mais estreita. Pasta castanho avermelhado com partes acinzadas, material não plástico muito fino (mica e quartzo) (Fig. 10, Foto 25).

Dimensões: comp. 130 mm; larg. máx. 63 mm; esp. máx. 49 mm; diâm. do furo, 20 mm.

Peso: 355 gr.

Nas armações de atum do Algarve, havia redes com pesos de cerâmica anelares, de secção planoconvexa e furo central que chegavam a pesar 500 gramas e eram conhecidos por *bodos de barro*<sup>47</sup>. Estes pesos eram colocados nos *endiches*, panos de rede que ladeavam as duas *bocas do quadro* da armação, e rodavam no fundo, conforme o *andar da aguagem* (fluxo e refluxo da água)<sup>48</sup>.

Podemos concluir dos elementos apresentados que o modelo de peso de barro cozido, feito e utilizado em Vila Franca do Campo, é morfologicamente distinto dos que foram usados em redes e armações do continente, nos finais do século XIX e ainda neste

47 *Inquérito Industrial de 1890*, 5, A Pesca, Lisboa, 1891, pp. 358, 359 e 428.

Observei dois pesos deste tipo nas colecções do Museu Nacional de Etnologia (Lisboa) (referências de catálogo AX-631 e AX-633).

Lino da Silva defende que os pesos de cerâmica *de forma quase esférica, semelhando um pequeno barril muito largo (ximbo ia balu)*, usados pelos *Axilunda* (Luanda-Angola) nas suas redes, são cópias dos "bodes de barro" algarvios. Lino da Silva, Embarcações e utensílios de pesca dos ilhéus de Luanda (um estudo de aculturação), in "*Estudos Etnográficos*", Luanda, 1, 1970, p. 204.

No entanto, e de acordo com a descrição de Lino da Silva, os pesos *axilunda* são diferentes dos algarvios que tive oportunidade de observar e parecem mais próximos dos de Vila Franca do Campo.

48 A substituição dos *bodos* por *cadeias* de ferro que não rodavam teria prejudicado o funcionamento dos *endiches*.

Recolhi estes elementos sobre a colocação dos *bodos*, em Fevereiro de 1993, junto de pescadores que trabalharam na Armação do Cabo de Santa Maria (Faro).

Sobre as armações de pesca do Algarve, consulte-se o trabalho de Lino da Silva, Armações de Pesca, in "*Geographica*", Lisboa, 4(16), 1968, pp. 82 a 100.

século, fazendo parte do grupo de pesos cerâmicos com furo axial de enfiar na tralha, conhecidos apenas a sul de Peniche (Figs. 12 e 13).

Na Europa, encontram-se pesos de barro idênticos aos de Vila Franca do Campo, embora mais pequenos, na olaria de Puglia, região da extremidade sudeste da península italiana. Estes pesos, feitos no torno, rodavam na tralha, facilitando o arrastar da rede<sup>49</sup> (Fig. 11).

Confrontando os vários casos de utilização de pesos cerâmicos com furo axial, penso que terá presidido à sua feitura uma ideia comum: lastrar com eficácia uma rede constantemente sujeita a deslocções provocadas pelo arrasto ou pelo movimento das águas nos fundos marinhos.

### 1.5. O processo técnico de pesca com a rede de arrastar

A pesca com rede de arrasto é um sistema técnico de captura imediata de peixe que engloba uma ou duas embarcações, a arte, uma unidade de pesca (*companha*) e uma prática específica, implicando o uso momentâneo de dois territórios contíguos: um marítimo e outro terrestre<sup>50</sup>.

Neste tipo de pesca, os marítimos utilizavam *barcos pequenos* (15 ou 16 pés), de boca aberta e quilha, com proa e popa (*ré*) redondas, leme exterior à *ré* e quatro bancos. Como meios de propulsão armavam quatro remos e uma vela.

As pequenas dimensões destes barcos tornavam-nos especialmente adequados à prática do arrasto, pois eram leves e fáceis

49 Ninina Cuomo di Caprio, *Ceramica rustica tradizionale in Puglia*. Lecce, 1982, p. 243.

50 Segui as metodologias de estudo dos sistemas técnicos de pesca propostas por Alette Geistdoerfer e Bruno Martinelli, autor de um importante estudo sobre as redes de arrastar dos Eve-Some no Togo.

Alette Geistdoerfer, Modèle d'enquête sur le techniques de pêche. In Robert Cresswell e Maurice Godelier, dir., "*Outils d'enquête et d'analyse anthropologiques*", Paris, 1976, pp. 183-195.

Idem, Fonctions spécifiques des techniques de pêche dans une production halieutique, in "*Techniques & Culture*", Paris, 2, 1982, pp. 87 a 98.

Idem, Neutraliser le hasard. Les aléas de la production halieutique (Atlantique Nord), in "*Ethnologie Française*", Paris, 17 (2 - 3), 1987, pp. 219 a 226.

Bruno Martinelli, Une chaîne opératoire halieutique au Togo. Réflexions sur la méthode, in Hélène Balfet, dir., "*Observer l'action technique. Des chaînes opératoires, pour quoi faire?*", Paris, 1991, pp. 65 a 86.

de manejar, podendo fugir rapidamente da zona de rebentação, no caso de vaga maior. A pesca poderia realizar-se com um barco que transportasse as artes e toda a *companha* ou apenas uma parte dela, enquanto os restantes membros se dirigiriam por terra para a enseada escolhida. A *companha* também poderia utilizar dois barcos, um dos quais tinha por missão transportar aqueles que arrastavam, assim como descobrir e assinalar a presença do peixe, ajudar a libertar a rede, se esta enrocava no fundo, ou ainda trazer o peixe para o porto. Com dois barcos, a *companha* poderia melhorar a sua eficácia e aumentar a produção, mas, normalmente, utilizava-se apenas uma embarcação.

A *companha*<sup>51</sup> é uma unidade de produção, dotada de permanência no tempo, constituída por um mestre com funções de direcção, dez a quinze *companheiros* e um ou dois *rapazes do barco*<sup>52</sup>. Em Vila Franca do Campo, o mestre era normalmente proprietário do barco e das redes<sup>53</sup>. Cada homem da *companha* recebia um *quinhão* e cada rapaz meio *quinhão*. O barco, por sua vez tinha direito a um *quinhão*<sup>54</sup> e as redes a cinco *quinhões*<sup>55</sup>. Em caso de promessa, o santo padroeiro podia receber um *quinhão*<sup>56</sup>.

51 Têm sido publicados vários trabalhos onde é abordada a estrutura das *companhas* de pescadores no arquipélago açoriano:

Rolando Lima Lalanda Gonçalves, *Contribution à l'analyse de la dynamique socio-culturelle. Le village de Ribeira Quente*. Montpellier, Université Paul Valéry-Montpellier III, 1981. (policopiado), pp. 47 a 51.

Idem, Eutopia e emigração. Abordagem micro-sociológica na freguesia da Ribeira Quente, S. Miguel, in "*Arquipélago*", série *Ciências Sociais*, Ponta Delgada, I, 1986, pp. 116 e segs. Manuel Fidalgo, Pesca artesanal da ilha Graciosa. In "*II Congresso de Comunidades Açorianas*". Angra do Heroísmo, 1986, pp. 390 a 396.

Richard Pollnac e Francisco Carino, Relações de parentesco e tripulações piscatórias. Abordagem sociológica na freguesia de Rabo de Peixe, S. Miguel - Açores, in "*Arquipélago*", série *Ciências Sociais*, Ponta Delgada, 3-4, 1988/89, pp. 139 a 154.

52 Era a mãe do candidato que pedia ao mestre para admitir o filho na *companha*. O mestre reunia os *companheiros*, ouvia as suas opiniões e só depois dava a resposta.

53 No entanto, o comerciante e industrial Laureano Urbano da Costa era proprietário de uma rede de arrastar de 114 braças e de vários barcos. O proprietário das artes é que pagava o respectivo imposto.

54 Se na pesca intervinham dois barcos, cada um recebia o seu *quinhão*.

55 Os *quinhões* da rede tinham de pagar os *arrendadores* e o fio utilizado nos concertos.

56 A organização das unidades de pesca em Vila Franca do Campo, nos princípios do século, foi abordada por Urbano de Mendonça Dias, *A Vila*, 4. Vila Franca do Campo, 1919, pp. 162, 163.

O arrasto era lançado nas enseadas com praia e fundos de areia. Os marítimos de Vila Franca arrastavam nos seguintes locais: Prainha (Ribeira Chã), Areal Grande (Praia grande de Água d'Alto), Pedreira, Degredo, areais da Vila, Vinha da Areia, Ribeira Seca, Ribeira da Mandante, Ribeira das Taíñas, Calhau da Margarida, Deniz e Luzia, Garrafa, Baía da Amora (Amora do João), Praia da Ribeira Quente e no interior do Ilhéu de Vila Franca depois do mau tempo. Como algumas destas praias eram de calhau rolado, só um Verão favorável que as cobrisse de areia permitiria o arrasto.

A pesca feita com este tipo de rede *pegava em Janeiro* e findava em Setembro, embora a praticassem no *bom tempo do Inverno*.

O momento e o local de lançamento de arte dependiam das espécies que pretendiam capturar. A sardinha (*Sardina pilchardus* Walbaum, 1792) e a petinga<sup>57</sup> pescavam-se ao *rasgar da manhã ou da parte da tarde* (18-19 H), alturas em que *o peixe vem ao cimo, à borda d'água*, pois, nas outras horas do dia, *vai para o escuro do mar* (zonas profundas). As redes eram lançadas *rente à costa, na água suja por causa da pancada das ondas*, evitando-se assim que a sardinha visse as artes.

Todavia, para apanhar *peixe grado* procuravam-se águas claras, mais afastadas da orla marítima. Este tipo de peixe era também capturado à noite (23 - 24 H), depois de engodado com petinga.

A profundidade é vista pelos pescadores como a particularidade caracterizadora do seu meio de trabalho: *o alicerce do homem do mar é de cima para baixo, enquanto o do homem do campo é de baixo para cima*.

As redes de arrastar guardavam-se *enroladas em lotes*, amarrados pela ordem seguinte: *grada (banda)*, *miúda (saco e estremalho)* e *grada (banda)*. A pesca iniciava-se com o transporte dos *lotes*, em *palancas* (varais) ou ao ombro, até à embarcação (Fotos

57 A sardinha era apanhada de Janeiro a Abril e a petinga daí para a frente.

A petinga era utilizada para iscaros anzóis das *gorazeiras*, artes constituídas por uma linha madre com anzóis laterais empatados em estrovos. Cada barco pescava com quatro ou cinco *gorazeiras* e a petinga era transportada em igual número de selhas pequenas (*bartadores*). Constata-se assim a inter-relação entre o arrasto e as artes de anzol.

26 e 27). Depois de removido o *banco da voga*, situado à ré, a rede era colocada dentro do barco pela ordem acima indicada.

Se o areal onde iam arrastar não ficasse muito longe de Vila Franca do Campo, ia apenas um barco que levava a rede, o mestre e quatro ou cinco homens, enquanto os restantes seguiam a pé até à praia escolhida. Quando a embarcação chegava à enseada, *botava* em terra a ponta da corda de alar e começava a procurar o peixe. Os homens que ficavam com a corda no areal, *tomavam vez* e outro barco que aparecesse já não podia lançar a rede<sup>58</sup>.

Era fundamental chegar antes dos outros, o que levava a *companha* a ir muitas vezes à *noitinha tomar vez para o areal*. Punham a corda em terra, afastavam-se da costa e, cobertos com a vela, esperavam para lançar a rede ao *rasgar da manhã, quando o peixe vinha para dentro*.

Em primeiro lugar, era preciso detectar a presença de peixe, tarefa a cargo de um pescador (*vigia da embarcação*) que subia para o *leito da proa* e tentava distinguir os cardumes. Para ver o peixe no fundo, o *vigia clareava a água*, aspergindo *azeite (coalho)* com uma *vassoura de mato* (urze - *Erica scoparia* L. *ssp. azorica* (Hochst.) D. A. Webb.)<sup>59</sup>.

O *coalho* era feito com água de mar e *azeite de toninha* (*Delphinus delphis* Linnaeus, 1758) num pequeno balde de madeira com pega vertical.

Se não aparecesse peixe, o barco recolheria a corda e iria para outro areal tentar a sorte. Quando viam algum cardume, a rede era lançada e a operação de cerco decorria com grande rapidez e animação. A propulsão do barco era então assegurada apenas por dois remos, o da proa (estibordo) e o da *vante* (bombordo). O mestre, colocado a meio do barco, lançava o *seio da rede* e a *tralha dos pandulhos*, enquanto um companheiro, de cima do leito da ré, lançava a *tralha das cortiças*. Quando as *bandas* do arrasto deixaram de ter pandulhos fixos de barro ou cimento, o mestre passou a *embrulhar*

58 Se apareciam outros barcos à procura de cardumes, a comunicação entre os pescadores de arrasto embarcados e os companheiros em terra processava-se por meio de gestos e de posturas previamente codificados.

59 Também se aspergia o ar para afastar o vento.

pandulhos de pedra no *seio da rede*, de três em três *braças*, dando duas voltas rápidas com a tralha. Para o efeito, a embarcação carregava 4 ou 5 baldes de pedra da costa, apanhada pelos *rapazes do barco*.

De pé, sobre o *leito da proa*, o *vigia* da embarcação comandava: *rema mais fora! Ei misericórdia de peixe! Bota agora!* Os homens remavam com força e a rede corria para a água, cercando o cardume. A embarcação ia então descrevendo um arco e aproximando-se da praia, onde lançava a extremidade da outra corda de alar e logo regressava ao centro da rede. Nessa altura, os marítimos gritavam para os homens em terra: *ala! ala agora!* E a rede começava a ser puxada à força de braços. O mestre ia para a ré e o barco, recuando, acompanhava o andamento da rede para a *safar*, com cuidado, no caso desta se prender no fundo. Quando as *bandas* chegavam à praia, mandava-se parar a rede, o mestre fechava o *pernil do saco* com o *atilha* e lançava-o à água.

Os homens que puxavam, num mínimo de três em cada lado, tinham de controlar as forças de tracção divergentes, aproximando as *bandas* e orientando a arte num percurso perpendicular à terra, mantendo bem centrada a *boca do saco*, assinalada pela respectiva bóia, de molde a que o peixe fosse compelido a entrar na armadilha. Muitas vezes os camponeses acudiam à *borda d'água* para ajudar a puxar a rede, recebendo algum peixe em troca.

Depois das cordas de alar estarem em terra, e já sem as respectivas bóias, a forma de puxar a arte dependia da espécie que se estava a pescar. Como a sardinha se movia a meio ou por cima da água, os homens da frente enrolavam logo a rede, pondo a *tralha dos pandulhos* por cima da *tralha das bóias*, enquanto os de trás puxavam a rede toda. Tratando-se de *peixe grado*, que vinha rente ao fundo, *tinham de fazer o seio da rede*: os homens da frente arrastavam a *tralha dos pandulhos* rente à areia, os do meio puxavam a *tralha das bóias* e os últimos enrolavam a rede da forma descrita.

Os pandulhos de pedra iam-se perdendo pelo caminho e os que ainda vinham embrulhados nas *bandas* eram abandonados no areal.

Quando a *malha miúda* chegava à praia, *apertava-se mais a rede*. Os homens *afogavam a boca do saco*, obrigando o peixe a ir para o fundo da arte e logo que a *ponta do pernil* ficava ao alcance deles era

puxada para fora da rebentação. Desamarrava-se então o *pernil* para tirar o *peixe que Nosso Senhor desse*. Quando havia grande quantidade de pescado, o barco ia levá-lo ao cais e regressava em seguida. No caso contrário, o peixe era embarcado juntamente com a arte. Se apanhavam apenas petinga, o *pernil* não era desamarrado mas torcido e apertado para matar o peixe que se tirava aos punhados e salgava numa caixa de madeira. No verão, ainda era preciso limpar as redes por causa de musgo preso nas malhas. A operação de lançamento ia-se repetindo ao longo da costa tantas vezes quantas o peixe o justificasse (Fotos 28 a 48).

Com base nas recolhas efectuadas, é possível concluir que o sistema técnico de produção haliêutica com redes de arrastar articulava três conjuntos de fenómenos: os meios de produção (espaços e instrumentos de trabalho), as unidades de pesca (*companhas*) e os processos técnicos de captura.

Os meios de produção incluíam dois espaços contíguos de natureza diferente (um marítimo e outro terrestre), assim como instrumentos produtivos: embarcações (meios de transporte e locais de trabalho)<sup>60</sup>, utensílios colectivos (*redes*) e individuais e meios de subsistência (vestuário e alimentação)<sup>61</sup>.

As unidades de pesca de arrasto organizavam-se em três grupos de trabalho articulados pelo processo produtivo: um grupo embarcado, que lançava a rede e cercava o peixe, e dois grupos em terra cuja missão era alar a arte. No grupo de lançamento, os marítimos estabeleciam entre si formas de cooperação complexa e restrita à *companha*, enquanto nos grupos de alagem a cooperação era simples e alargada a elementos extra-*companha*<sup>62</sup>.

O processo técnico de pesca com arrasto consistia numa cadeia operatória de aquisição, onde se distinguem cinco fases correspondentes a uma ou várias sequências de operações:

- a) Transportar e embarcar a rede, arriar o barco, entrar a bordo.
- b) Navegar para a praia escolhida e localizar o peixe.

60 Nesta perspectiva, os barcos são instrumentos de produção mas não são utensílios.

61 No âmbito deste trabalho não tratamos nem da palamenta nem dos meios de subsistência.

62 Na cooperação simples, todos os actores desempenham a mesma tarefa, enquanto na cooperação complexa executam tarefas diferentes.

- c) Lançar a rede e cercar o cardume.
- d) Alar a arte.
- e) Desatar o *pernil* e recuperar o pescado.

### 1.6. A explicação mítica das redes de arrastar

Os marítimos de Vila Franca do Campo, que pude contactar, estão profundamente convictos que as *redes de arrastar* vêm do *princípio do mundo* e terão sido mesmo a *primeira arte que usaram no mundo*.

O fundamento desta crença encontra-se numa narrativa mítica da qual recolhi diferentes versões:

#### Versão A<sup>63</sup>

*No tempo em que Nosso Senhor andava pelo mundo, Pedro pescador botava as redes de terra para o mar, arrastava de dentro para fora e o peixe fugia todo.*

*Pedro andava desesperado pela praia, para lá e para cá, porque via tanto peixe e não apanhava nada.*

*E veio um velho e disse: — Pedro, o que estás desesperado?*

*— Tanto peixe que eu vejo e não apanho nada.*

*E o velho disse: — Bota a rede do mar para a terra.*

*Pedro foi na hora em que lhe falou e carregou o barco de peixe. O velho foi-se embora.*

*Pedro tinha o compadre dentro do barco e disse: — Ó compadre, pega nessa rede e nesse peixe e nesse barco e eu vou acompanhar aquele velho.*

*E foi na hora em que Nosso Senhor levou ele para o seu poder e foi para o outro mundo.*

*Nosso Senhor disse a São Pedro: — Tu vais para o mundo para morrer para vir para o meu poder.*

63 Recolhi esta versão apenas de um pescador que a ouvira ao pai.

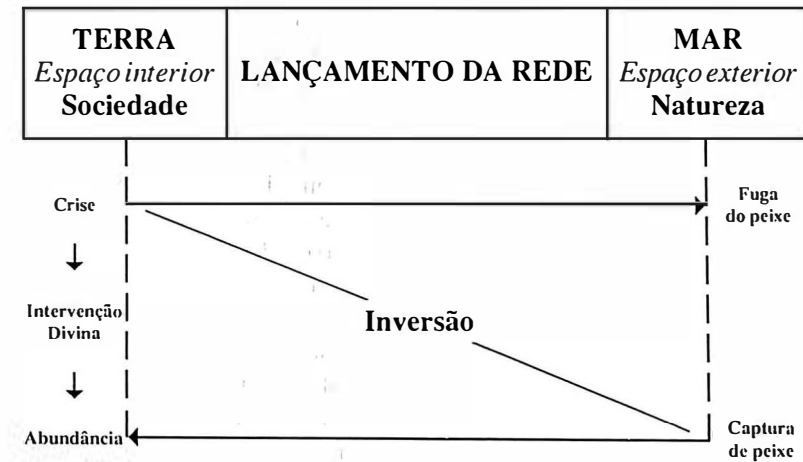
Estamos perante uma versão com sentido explicativo das narrações bíblicas de "pescas milagrosas"<sup>64</sup>. Parte-se de uma situação inicial de crise, vivida na praia (espaço intermédio) e caracterizada pela falta de peixe, impossibilidade técnica de o capturar e consequente desespero dos pescadores. Os personagens principais são o velho e o pescador de nome Pedro, dono do barco e das redes. O velho é a divindade encarnada, tem uma natureza ambivalente e uma função mediadora. Perante o desespero de Pedro, o velho disse-lhe que invertesse o movimento da rede. Pedro obedeceu imediatamente e apanhou muito peixe.

A milagrosa inversão do uso da arte superou uma dificuldade técnica e revelou ao pescador a natureza divina do velho. Pedro, a partir de então um iniciado, submete-se a um rito de passagem: renuncia à sua situação de pescador, separando-se dos instrumentos de trabalho e da família (rito de separação) e passa a viver num estado sobrenatural (*outro mundo*)<sup>65</sup>. Por ordem divina, regressa à vida normal (renascimento), associando-se ao destino dos homens, até à morte física, agora com novo estatuto (apóstolo e Santo).

A intervenção divina, num espaço liminar (praia), inverteu a técnica de lançamento da rede (fora → dentro), a situação social dos pescadores (crise → abundância) e o estatuto de Pedro (pescador → apóstolo e santo).

64 *Bíblia Sagrada. Tradução dos textos originais, com notas, dirigida pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma*. Lisboa, Edições Paulistas, 1978, pp. 1291 (Lc 5, 1 - 11), 1362 (Jo 21, 1 - 14).

65 A base desta análise encontra-se nos seguintes trabalhos: Edmund Leach, *L'unité de l'homme et autres essais*. Paris, 1980. Pierre Centlivres e Jacques Hainard, dir., *Les rites de passage au jourd'hui*. Lausanne, 1986. Edmund Leach, *Cultura e comunicação*. Lisboa, 1992, pp. 111 a 113.



### Versão B

*Os pescadores andavam a pescar com a rede de arrasto e deitavam a rede da terra para o mar e não apanhavam nada.*

*Apareceu uma figura e disse-lhes: — Botem as redes do mar para a terra e apanham peixe.*

*São Pedro respondeu-lhe: — Tá calado prá i que não sabes mandar. Quem manda aqui sou eu.*

*A figura insistiu: — Experimenta a pôr a rede do mar para a terra e vê o peixe que vais apanhar.*

*Os companheiros de Pedro disseram: — Experimenta a pôr a rede do mar para a terra e vê o peixe que vais apanhar.*

*Experimentaram e deu certo.*

*A imagem voltou a aparecer e disse: — Deu certo ou não deu certo?*

*E Pedro disse: — Louvado seja Deus! E ficou a saber que era Deus.*

Esta versão, que ouvi apenas a um pescador, é menos desenvolvida que a anterior. A situação inicial é a mesma, mas, em lugar do *velho*, aparece uma *figura* ou *imagem*. Na sequência das ações, Pedro não acata prontamente a indicação recebida, procura

impôr a autoridade que tem sobre a *companha* e é esta que o demove. A inversão do movimento da rede revela a Pedro a presença da divindade.

### Versão C

*Os pescadores andavam a pescar com a rede de arrasto.  
São Pedro disse aos pescadores: — Que estão fazendo?  
Estavam botando a rede da terra para o mar e não apanhavam nada.*

*— Ó homens de pouca fé, arriai o barco e botem a rede de fora para dentro!*

*E apanharam muito peixe.*

*E nunca mais acabou esta vida da rede de arrasto.*

Esta versão é a mais curta, a mais simples e também a mais divulgada. A relação estrutural do mito mantém-se (situação de crise — intervenção sobrenatural — inversão da rede e da situação), mas o ente sobrenatural mediador é agora São Pedro.

O confronto das três versões permite apreender a mensagem do mito: os pescadores devem ter fé e acatar com humildade a palavra divina. Na primeira versão, Pedro aceita prontamente a indicação do *velho*. Na segunda, rejeita o convite da *imagem* e são os companheiros que o chamam à razão. Na terceira, os pescadores (*homens de pouca fé*) seguem a ordem de São Pedro.

O mito explicativo das redes de arrastar põe também em relevo a concepção de que os homens são incapazes de descobrir por si sós a chave dos problemas colocados pelas suas próprias criações, necessariamente limitadas e ineficazes. A solução correcta para o problema é revelada por uma entidade sobrenatural que intervém num momento crítico, invertendo directamente a situação<sup>66</sup>.

66 Conhecem-se outros mitos europeus onde o aperfeiçoamento técnico é explicado por uma intervenção sobrenatural de Deus ou do Diabo. Num mito grego, os primeiros homens não conseguiam pôr o moinho a funcionar porque o rodavam da direita para a esquerda. Foi o Diabo que inverteu a situação, ensinando-lhes que o movimento correcto era da esquerda para a direita. Démétrios Loukatos, *Le secret du perfectionnement, révélé par le diable. Aspect de la mythologie sur l'invention technique*. In *"L'Homme, hier et aujourd'hui. Recueil d'études en hommage à André Leroi-Gourhan"*. Paris, 1973, pp 193 a 196.

Na cultura tradicional dos pescadores de Vila Franca do Campo, a inversão da ordem das coisas não está presente apenas nas narrativas míticas transcritas.

Na festa dos pescadores, celebrada em honra de São Pedro Gonçalves, na segunda-feira de Pascoela, existia o rito do *Irró* no qual os membros das *companhas* participavam com trajos femininos, invertendo assim um universo rigorosamente masculino<sup>67</sup>.

67 Urbano de Mendonça Dias, *A Vila*, 4, Vila Franca do Campo, 1919, p 170.

## 2. CAÇAROLAS DE APANHAR POLVOS

### 2.1. A pesca tradicional do polvo

Em Vila Franca do Campo, a captura de polvos era um *trabalho de rapazes*. Raros foram os pescadores que se especializaram nesta actividade vista como marginal.

A pesca tradicional do polvo-comum (*Octopus vulgaris* Cuvier, 1797) efectua-se à *borda d'água* (*pesca de pedra* ou *pesca a pé*), na maré vazia, com o auxílio da *negaça* e do *bicheiro*<sup>68</sup>. A *negaça* é uma *vara de caniço* (cana-da-índia), com cerca de três metros de comprimento, na ponta da qual se prende peixe salgado (uma tira de cação ou um chicharro)<sup>69</sup>, seguido de um pedaço de pano branco<sup>70</sup> (Fig. 14). O *bicheiro* é uma vara de madeira, de preferência marmelo ou vime, de metro e meio de comprimento, aproximadamente, com um anzol grande preso na extremidade (Fig. 15).

Com o *bicheiro* na mão esquerda e a *negaça* na direita, remexe-se a água entre as rochas (*negaçar*). Quando o polvo acode, atraído pelo engodo, muda-se o *bicheiro* para a mão direita e fiska-se a presa (*embicheirar*). Para matar o polvo, enterra-se-lhe o cabo do *bicheiro* pela *boca* até à *barriga* ou então dá-se-lhe uma *dentada no cachaço para morrer mais depressa*. Para o transportar, enfia-se-lhe um dedo no *capelo*.

Assado ou guisado, o polvo fresco entra na alimentação popular e as encomendas de apreciadores e casas de comida favorecem a actividade dos que se dedicam a este tipo de pesca.

68 Uma excelente abordagem das técnicas utilizadas na pesca do polvo nos contextos mundial, nacional e açoriano encontra-se em João Manuel A. Gonçalves. *Octopus vulgaris* Cuvier, 1797 (polvo-comum). *Síntaxe da biologia e exploração*. Horta, Universidade dos Açores, 1993. (policopiado), pp. 282 a 296 e 363 a 377.

69 Chicharro — *Trachurus picturatus* T. E. Bowdich, 1825.  
Cação — *Galeorhinus galeus* Linnaeus, 1758.

Helen Rost Martins. Nomenclatura de peixes de valor comercial dos Açores, in "*Açoreana*", Ponta Delgada, 6 (2), 1982, pp. 127, 128 (lista anexa).

70 A *negaça* pode ter apenas um pedaço de pano branco.

### 2.2. Alcatruzes do Algarve na ilha de São Miguel

Em 1972, a Junta Central da Casa dos Pescadores (Lisboa) tentou introduzir nos Açores a técnica algarvia de capturar polvos por meio de uma teia de recipientes de barro lançada de uma embarcação<sup>71</sup>. Aproveitando a presença de uma dezena de marítimos açorianos na Escola Profissional de Pesca, em Pedrouços, proporcionou-se a deslocação de alguns deles a Santa Luzia (Tavira), onde os pescadores algarvios lhes ensinaram a preparação e o uso da teia de alcatruzes<sup>72</sup>. Apostou-se decididamente no aproveitamento das semelhanças existentes entre as águas algarvias e as açorianas, muito embora os responsáveis tivessem consciência de que as duas regiões possuem climas e fundos muito diferentes<sup>73</sup>. A própria Junta Central das Casas dos Pescadores se encarregou de enviar um carregamento de alcatruzes para a Casa dos Pescadores de Ponta Delgada (Fig. 16, Foto 49). Em 1973, António Maria da Silva Amador, mestre de redes de Peniche, veio para São Miguel, a convite da Escola de Pesca de Ponta Delgada, a fim de apoiar a divulgação desta técnica assim como a do troll. As teias de alcatruzes foram lançadas, experimentalmente, ao largo de Ponta Delgada, com o auxílio do barco de boca aberta "Paulo Ricardo" e da lancha "Patrão João da Silva", pertencentes à Casa dos Pescadores, mas os resultados não foram favoráveis.

Nos fundos rochosos, os polvos encontram abundantes abrigos naturais e não procuram os alcatruzes. Além disso, o movimento das marés partia-os contra as pedras. Consequentemente, a nova técnica não se revelou rentável e as experiências foram abandonadas, embora tivessem tido eco noutros locais da ilha.

71 Esta arte é descrita nos seguintes trabalhos: Margarida Ribeiro, *Recollecção do polvo na costa do Algarve*. Lisboa, 1970. Carlos Manuel Ramos de Oliveira, Fuzeta. Uma abordagem antropológica. In "*Estudos Políticos e Sociais*". Lisboa, 8 (3-4), 1970, pp. 696 a 703. D. Manuel de Castello Branco, *Embarcações e artes de pesca*. Lisboa, 1981, pp. 155, 156 (baía de Cascais). Carlos Diogo Moreira, *Populações marítimas em Portugal*. Lisboa, 1987, pp. 455, 456.

Armadilhas de abrigo cerâmicas são ainda usadas no Mediterrâneo espanhol (Valência), em Itália e no Japão. João Manuel A. Gonçalves, op. cit., pp. 288, 289.

72 A validade e oportunidade dos cursos de pesca, apreciada e comentada pelo Comandante Luís Pimentel. Entrevista de Carlos Soares, in "*Jornal do Pescador*", Lisboa, 23 (398), 1972, pp. 21-22.

73 Idem.

Em 1979/80, o mestre pescador de Rabo de Peixe, Arsénio Paulino da Luz, navegando por trás da doca de Ponta Delgada, encontrou uma teia com cerca de 25 alcatruzes, assinalada por duas *balizas de pau*. Presumindo que tivesse sido abandonada, levou-a para Rabo de Peixe, onde chegou a lançá-la na esperança de apanhar algum polvo. Mas a tentativa foi inviabilizada pela escassez de capturas e pelo facto dos alcatruzes se partirem nas rochas do fundo.

### 2.3. A teia de caçarolas vilafranquense

A actividade desenvolvida pelo mestre António Maria da Silva Amador, no Porto de Ponta Delgada, se não convenceu os pescadores locais, impressionou vivamente o comerciante de ananases vilafranquense, Eduardo Alfredo Amaral (1934 - ) que, tendo observado a teia de alcatruzes, pensou logo em dedicar-se à nova arte, na expectativa de um lucro compensador.

Não possuindo experiência do mar, associou-se a um dos filhos, mergulhador de profissão, e juntos planearam aperfeiçoar e adaptar os alcatruzes algarvios. Não iriam precisar de vasilhas tão grandes, porque os polvos das costas micalenses são mais pequenos, mas, para os atrair, imaginaram uma forma de prender isca de peixe no interior do recipiente à semelhança do que se faz nos cofres<sup>74</sup>. Em 1978, Eduardo Amaral encomendou 50 armadilhas de cerâmica, que designa por *caçarolas de apanhar polvo*, ao jovem oleiro de Vila Franca do Campo, João Carroça, a quem pagou cinco mil escudos.

As caçarolas feitas por João Carroça são recipientes fechados, de garganta muito baixa e rebordo convexo, corpo ovóide e base plana. As paredes do corpo têm de três a cinco furos situados junto à base ou um pouco acima. Dois furos são usados para prender o arame com a isca e todos têm por função escoar a água quando se levantam as *caçarolas* (Fig. 17, Foto 50).

<sup>74</sup> Armadilha passiva de atracção alimentar com estrutura prismática ou cilíndrica, feita de vimes ou rede, com duas aberturas para entrada das presas e utilizada na pesca diferida de peixes, crustáceos e moluscos.

A altura dos recipientes varia entre os 15 e os 16,7 cm e o diâmetro da boca entre os 10 e os 10,5 cm. A base tem 10 cm de diâmetro e os furos cerca de 1 cm.

O oleiro não pode observar o modelo de alcatruz algarvio e, ao tentar materializar as indicações recebidas, reelaborou inconscientemente (?) uma forma tradicional da cerâmica vilafranquense, a *caçarola de dez réis* (*caçarola do fermento*), cujas proporções manteve, modificando-lhe, todavia, a garganta que passou a ser revirada. A nova forma recebeu o nome do modelo que recriou.

A forma, as dimensões e a própria concepção da armadilha vilafranquense diferem das algarvias, visto que estas são maiores, têm um só orifício, situado na base, e não são iscadas com peixe.

Eduardo Alfredo Amaral deu um banho de cimento às *caçarolas* para as fortalecer e proteger da acção corrosiva da água salgada e ligou a garganta das mesmas umas às outras por um cabo de nylon de 6 mm, separando-as entre 10 e 15 *braças*. As extremidades livres, de cerca de 20 *braças*, eram presas numa bóia fundeada com uma poita de pedra. O isco, chicharros ou bogas (*Boops boops* Linnaeus, 1758), na época abundantes e baratos, eram enfiados num arame pelos olhos e seguros às paredes das *caçarolas* de molde a ficarem atravessados no interior. Como não tinha barco, teve de se associar a Cláudio Travassos, pescador a tempo parcial e proprietário da lancha a remos "Arca da Aliança".

A arte era lançada ao anoitecer, a 15 ou 20 metros de profundidade, para que não roubassem os polvos, de mergulho, e era levantada ao fim de um ou dois dias. Os ensaios feitos no fundo da areia, entre o ilhéu da Vila e a terra, não resultaram e os dois sócios acabaram por optar pelos fundos de pedra. O filho de Eduardo Amaral mergulhava em apneia tanto no lançamento, para desviar a teia das rochas mais altas ou endireitar as *caçarolas*, como durante o alar, para impedir que o cabo se prendesse no fundo. As *caçarolas* traziam alguns polvos, moreias (*Muraena helena* Linnaeus, 1758) e muitos búzios miúdos. Os polvos eram tirados com a mão ou puxados com o *bicheiro*, sendo acabados de matar com um cacete.

Esta actividade mal chegou a durar dois anos e foi esmorecendo porque as capturas não eram animadoras, o isco tinha de ser comprado, Eduardo Amaral dependia do empréstimo do barco, foi

alertado pelos fiscais para a falta de autorização e, no fundo, não era um homem do mar. Em 1982, vendeu as *caçarolas* pelos mesmos cinco contos a António José Correia Pua (1944 -), pescador a tempo parcial, na praia da Pedreira (Água d'Alto) e proprietário do "São Lázaro", um barco de cinco metros, com proa e popa redondas, movido a remos e a motor (Fotos 51, 52, 53). O aparelho foi então aperfeiçoado assim como a técnica de o utilizar. As *caçarolas* foram amarradas ao cabo madre (*tralha*), de dois em dois metros, por fios de 3 mm de espessura (*amarradeiras*), com cerca de 90 cm de comprimento e dotados de um nó corredio, o que permite libertá-las facilmente. A cada extremidade do cabo principal prende-se uma *poita* de pedra e a última a ser lançada ao mar sinaliza-se com uma bóia. A isca de peixe passou a ser fixada directamente contra a face interna da armadilha (Fig. 18, Fotos 54 a 57).

As *caçarolas* são deitadas durante o Verão, a meio da tarde, e vigiadas no dia seguinte, bem cedo, para evitar roubos por parte dos mergulhadores. Para as vigiar e saber se têm polvos, utiliza-se um *visor*, caixa de madeira com vidro num dos fundos, que permite ver distintamente o *capelo* do molusco fora da boca das *caçarolas*<sup>75</sup> (Fotos 58, 59).

À medida que a teia vai sendo levantada, os polvos são retirados com o *bicheiro* (Fig. 19) e as *caçarolas* novamente iscadas e arriadas. A faina decorre à vista das praias do Degredo e da Pedreira, em fundos com alguma areia, participando nela António Pua, que se ocupa do aparelho, e dois companheiros que vão remando no "São Lázaro".

A pesca com esta arte revelou-se pouco rentável sendo a maior captura de oito polvos, muito embora se apanhem cavacos, búzios e estrelas do mar. No entanto, a escassez de polvos nas armadilhas é atribuída a roubos dos mergulhadores.

Para além da intenção lucrativa, o apego de António Pua a esta arte singular, que deitou pela última vez em 1991, prende-se com a dimensão lúdica das pescarias de Verão na praia da Pedreira.

Podemos concluir que o meio piscatório de São Miguel rejeitou a técnica de captura diferida do polvo, por meio de uma teia de

<sup>75</sup> A invenção deste *visor* é atribuída a um pescador de Vila Franca do Campo.

armadilhas cerâmicas, lançadas de uma embarcação por um grupo de trabalho.

A arte só foi adoptada marginalmente, em situações de pesca a tempo parcial, acabando por deixar a sua marca na olaria vilafranquense.

Em contrapartida, a pesca imediata e individual do polvo permanece activa, graças à proliferação dos restaurantes. Não só a tradicional, feita a pé, com o auxílio da *negaça* e do *bicheiro*, mas também a que é praticada de mergulho em apneia, com o auxílio do *bicheiro* e se revela muito mais rentável<sup>76</sup>.

Com base nas pesquisas de terreno efectuadas e na bibliografia disponível<sup>77</sup>, proponho a seguinte classificação das técnicas artesanais especializadas de pesca do polvo nos Açores:

#### - Pesca imediata

##### • Individual

- A pé com *negaça* e *bicheiro*.
- De mergulho em apneia com *bicheiro*.

##### • Em equipa (cooperação complexa).

- De uma embarcação, com *bicheiro*, óculo e, por vezes, *negaça*.

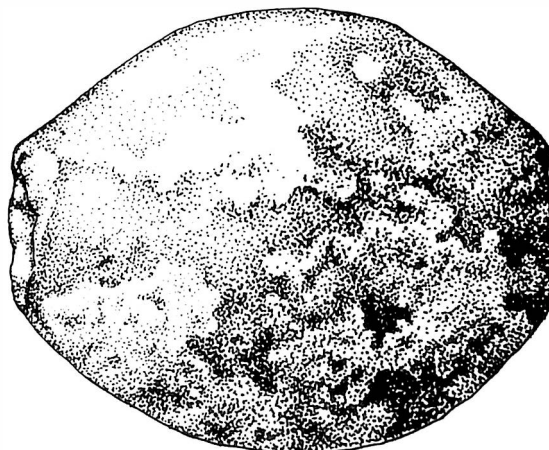
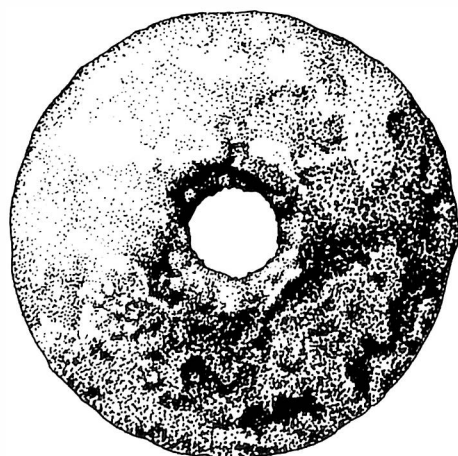
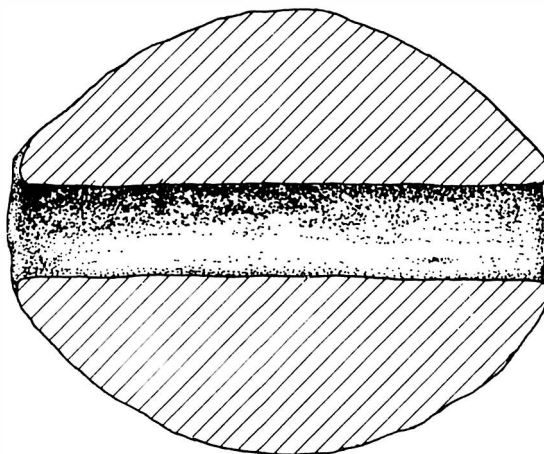
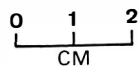
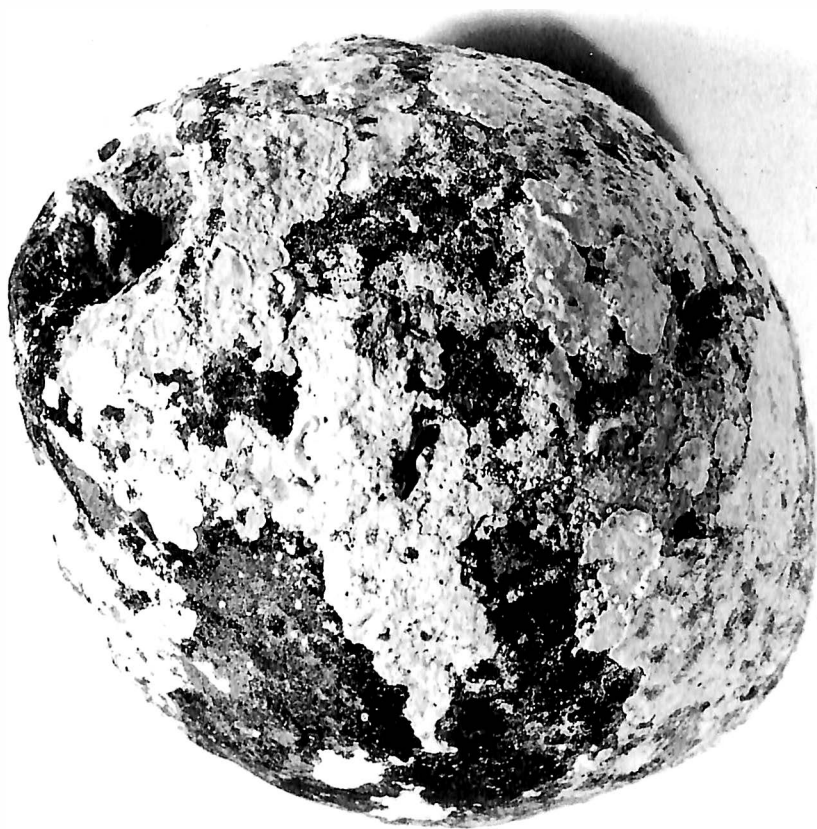
#### - Pesca diferida

##### • Em equipa (cooperação complexa).

- Teia de armadilhas cerâmicas de abrigo, com atracção alimentar, lançadas de uma embarcação.

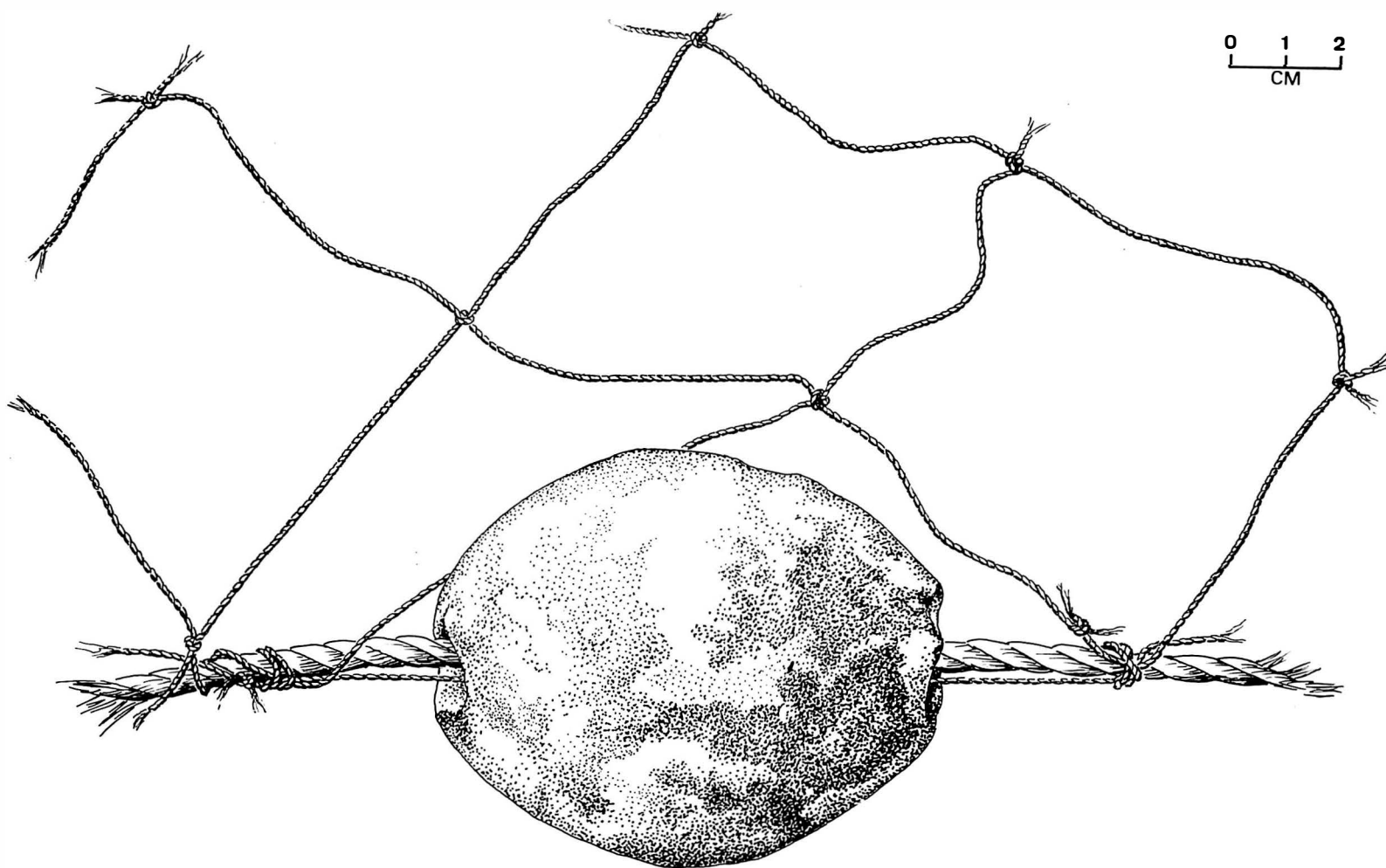
<sup>76</sup> Segundo João Manuel Gonçalves, "a divulgação do equipamento de mergulho em apneia parece ter sido feita em primeiro lugar na ilha Terceira, nos anos 60, e por influência dos militares americanos da base aérea das Lajes. A divulgação deste método na ilha de São Miguel surgiu mais tarde, no fim da mesma década, provavelmente devido ao sucesso do método na Terceira. Poderá também ter surgido independentemente..." João M. Gonçalves, *Octopus vulgaris* Cuvier, 1797 (*polvo-comum*). *Sinopse da biologia e exploração*. Horta, Universidade dos Açores, 1993. (policopiado), p. 368.

<sup>77</sup> Baseei-me sobretudo, na citada obra de João Manuel Gonçalves.



Desenho de José Bettencourt

Fig. 1 - Peso de rede elipsóide em barro cozido. Museu de Vila Franca do Campo.



Desenho de José Bettencourt

**Fig. 2** - O peso de rede da Fig. 1 fixado na *tralha dos pandulhos*. Museu de Vila Franca do Campo.

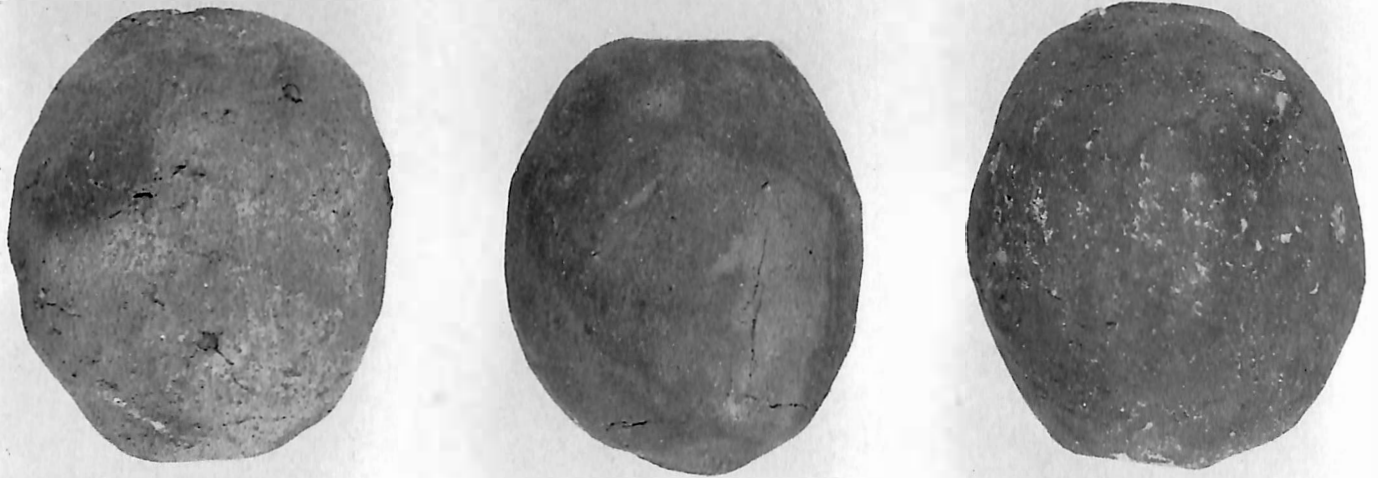
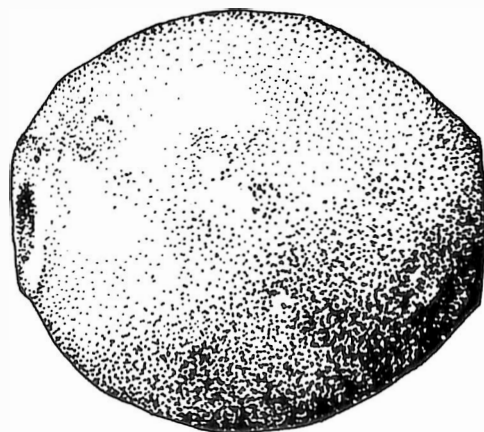
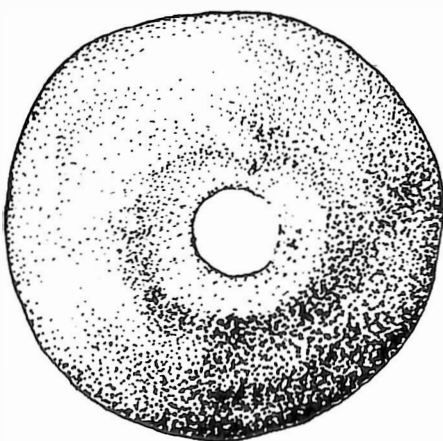
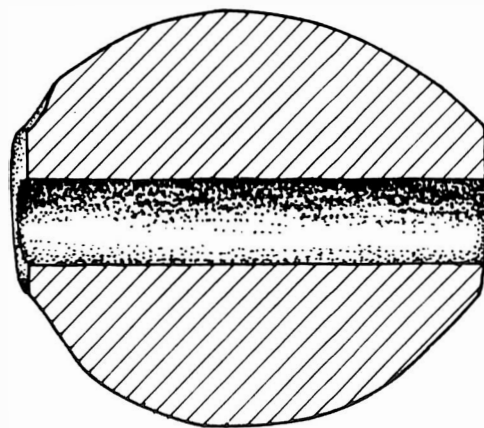
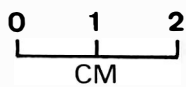


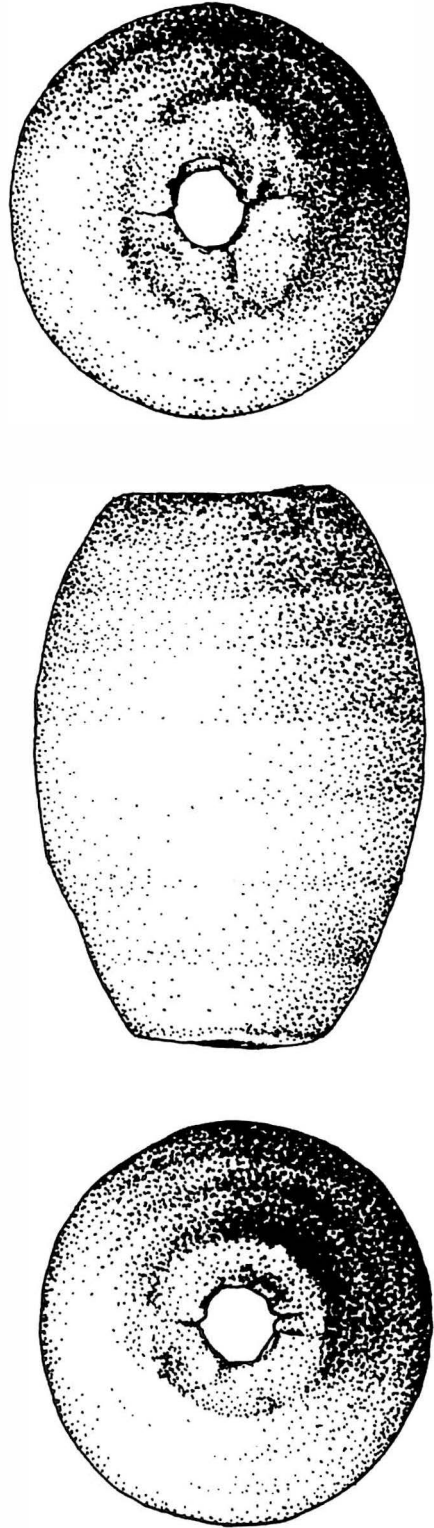
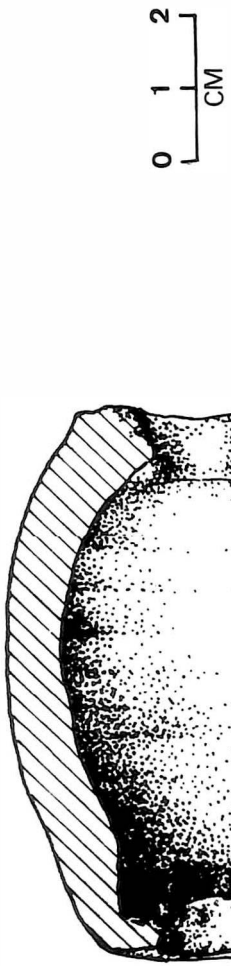
Foto de Gilberto Nóbrega

**Foto 2** - Pesos de rede em barro cozido achados na casa do mestre João Melro Negro. Museu de Vila Franca do Campo.



Desenho de José Bettencourt

**Fig. 3** - Peso de rede elipsóide em barro cozido. Museu de Vila Franca do Campo.



Desenho de José Bettencourt

Fig. 4 - Peso de rede elipsóide feito na *roda* pelo oleiro José Vicente.  
Museu de Vila Franca do Campo.



Foto de Gilberto Nóbrega

Foto 3 - Peso de rede feito na *roda* pelo oleiro José Vicente.

Cadeia operatória de torneamento de um peso de barro pelo oleiro José Vicente. Vila Franca do Campo, 1991 (Fotos 4 a 21).



Foto 4 - A pequena bola de barro, fixada ao centro da *cabeça da roda*, começa a ser torneada.



Fotos 5 a 11 - O oleiro abre o interior do peso ainda mal esboçado.

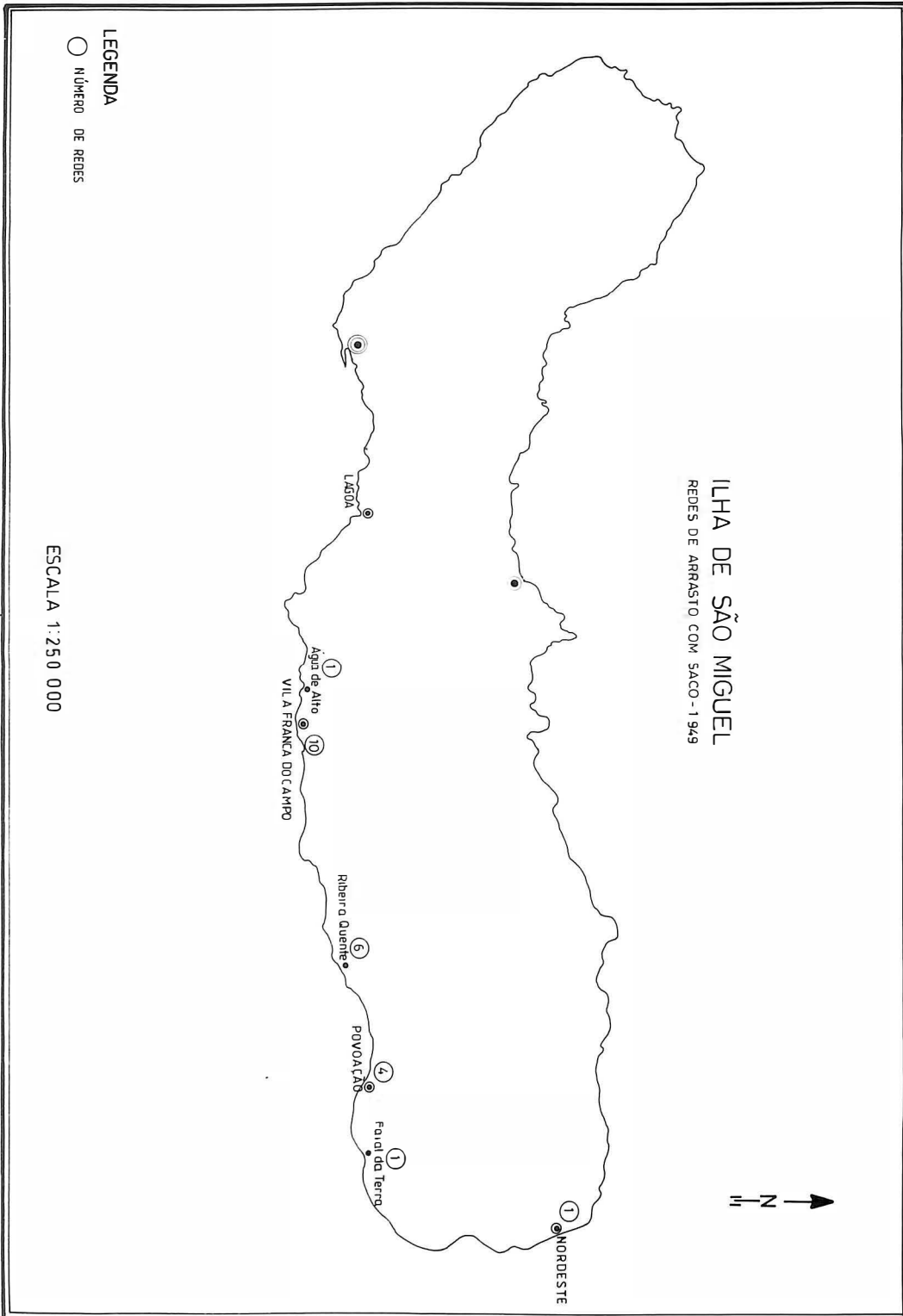




Foto 6



Foto 8



Foto 7



Foto 9



Foto 10



Fotos 12 a 14- Com o auxílio da *racha pequena* (11 cm de comp.), feita de cana, o mestre José Vicente aperfeiçoa as paredes exteriores do peso.



Foto 11



Foto 13



Foto 14

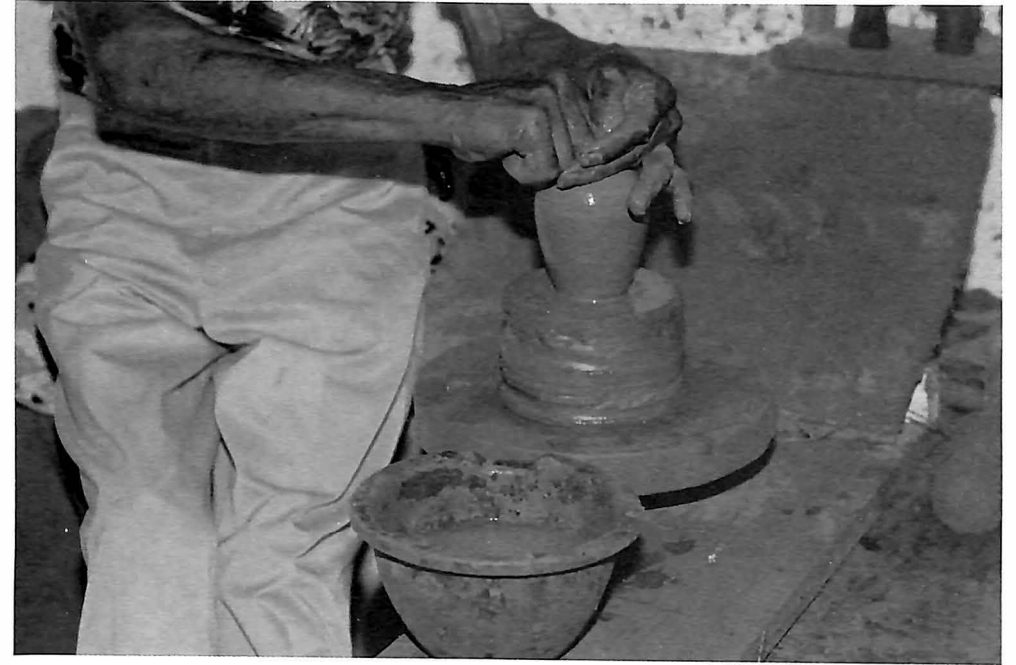
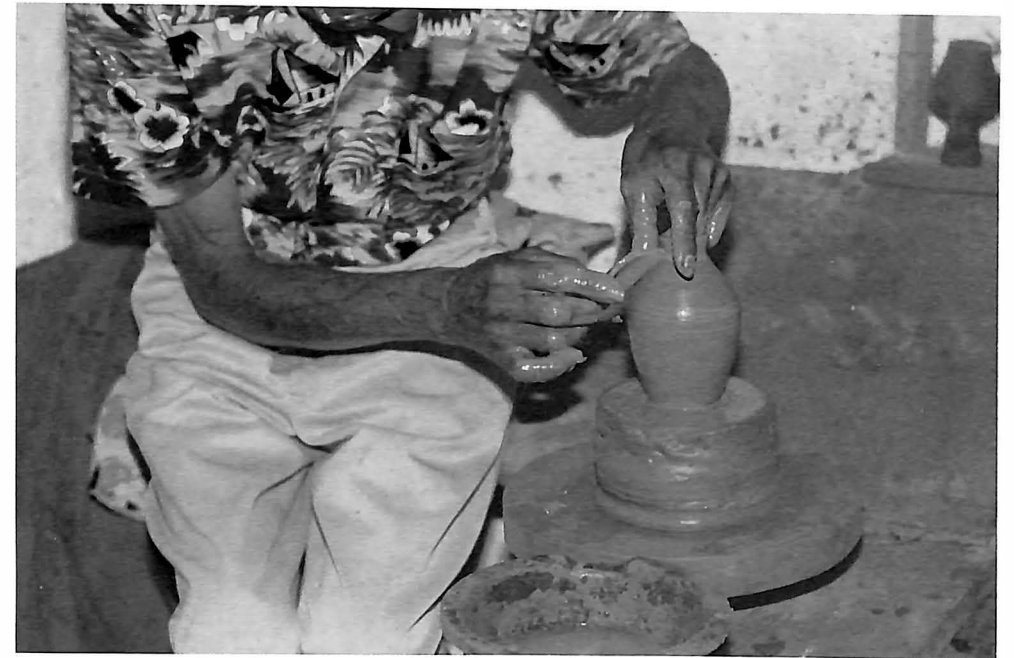


Foto 16



Fotos 15 e 16- Com o auxílio dos dedos, começa a fechar a parte superior.



Fotos 17 e 18- Com o auxílio da *racha* acaba de fechar o peso e aperfeiçoar a forma.



Foto 18



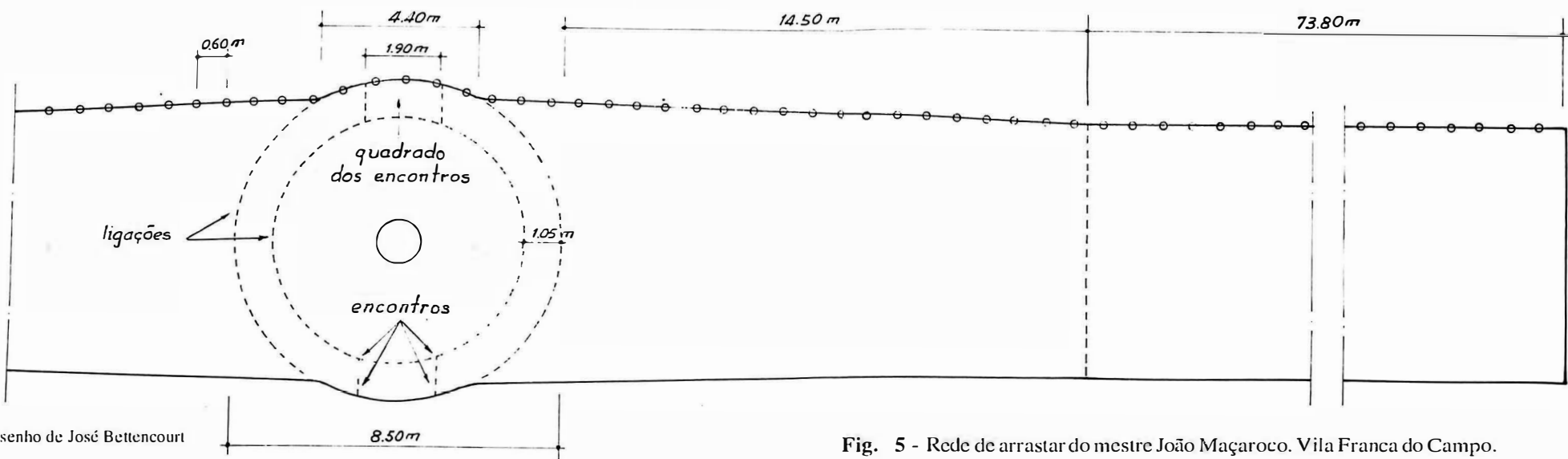
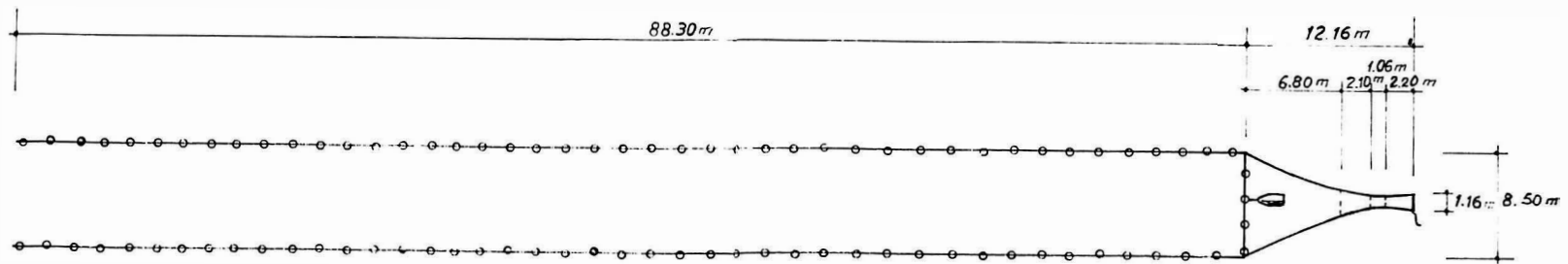
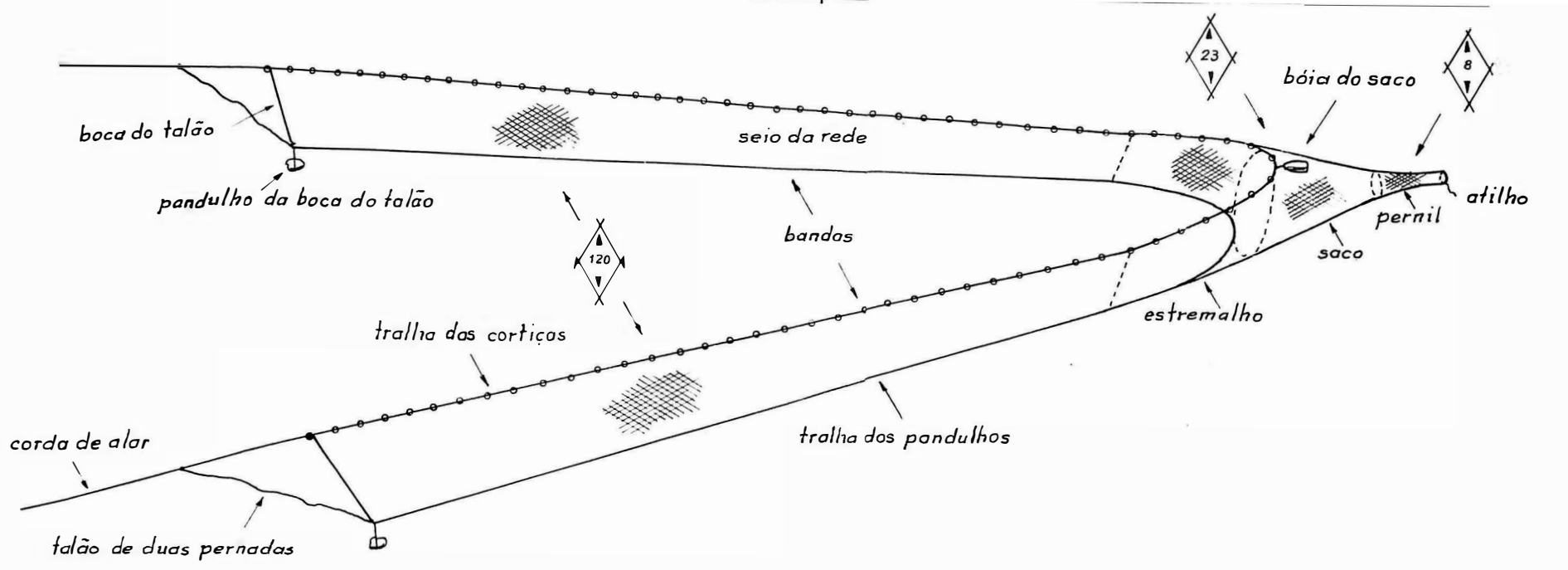
Foto 20 - O peso é separado da *cabeça da roda* com o *arame*.

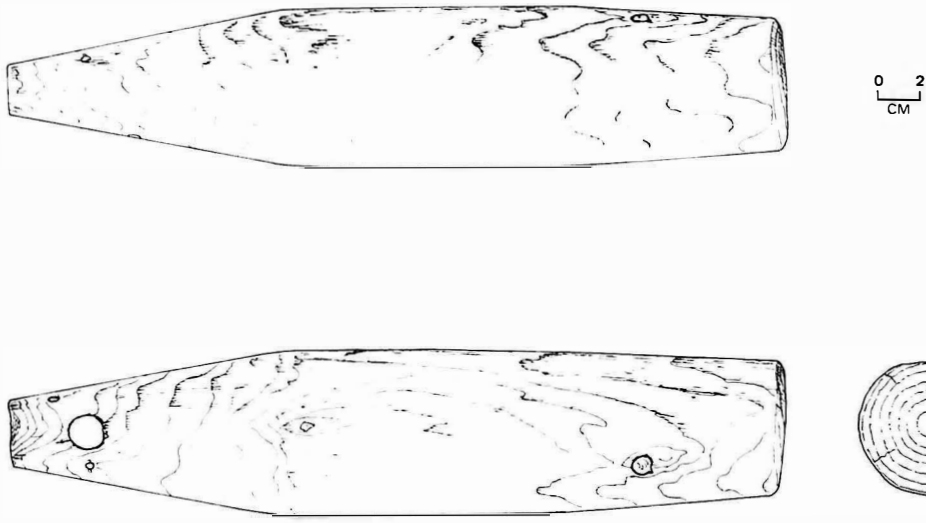


Foto 19 - O mestre José Vicente fura a extremidade superior do peso com o auxílio de um *pauzinho pontegudo* (comp. 12,2 cm).



Foto 21 - O peso torneado secará o suficiente para se poder furar a extremidade inferior.





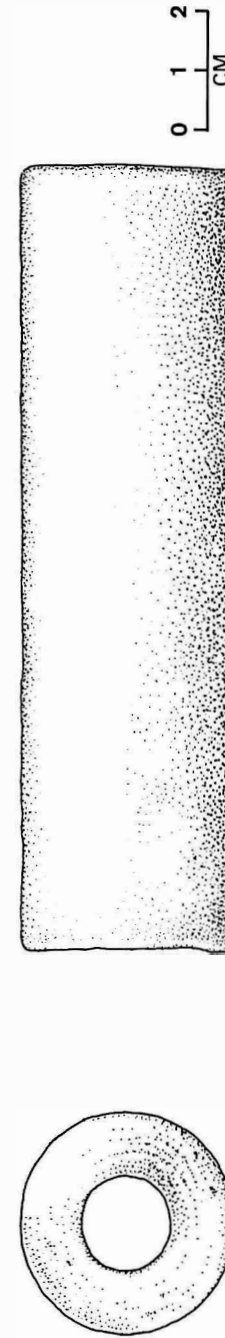
Desenho de José Bettencourt

**Fig. 6** - *Bóia de corda de alar* em criptoméria feita pelo pescador Miguel Bento de Góis. Museu de Vila Franca do Campo.

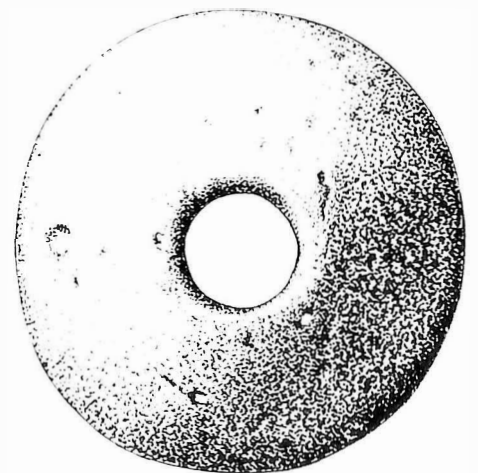
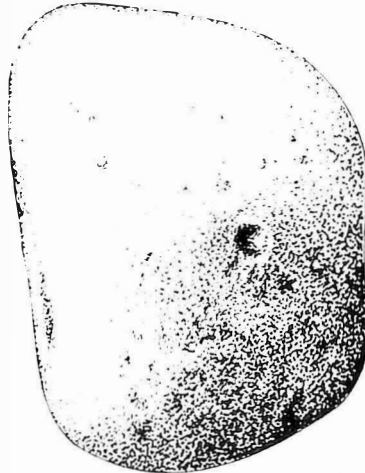
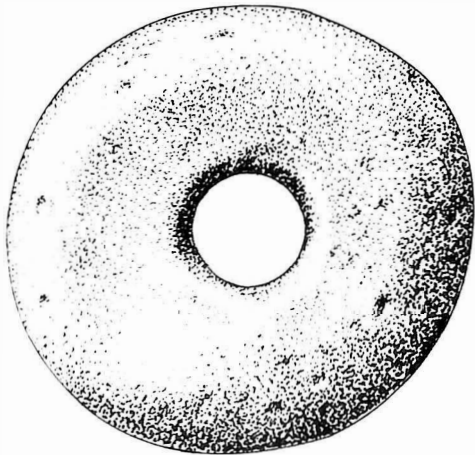
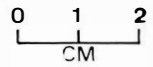
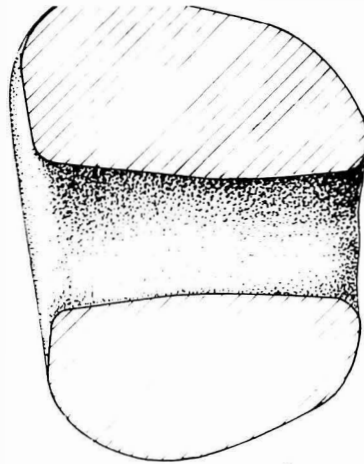


Foto 22

Foto de Gilberto Nóbrega

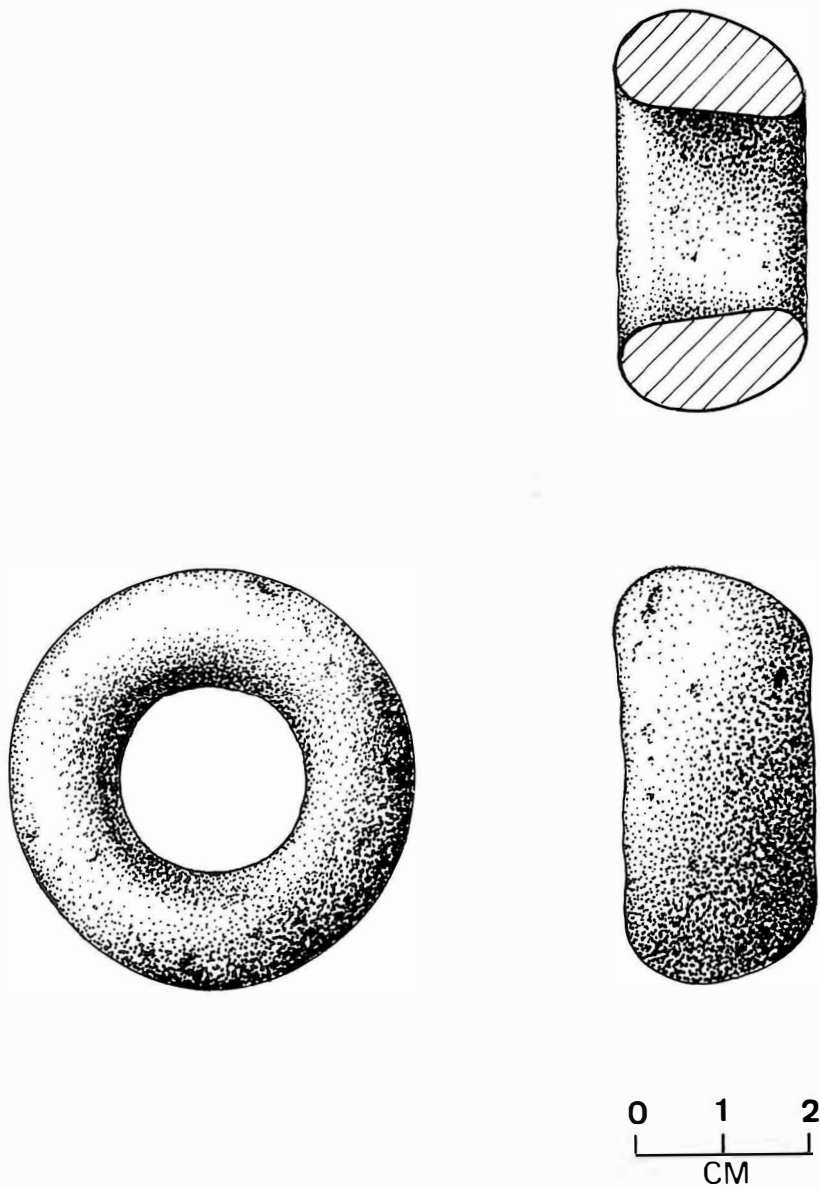


Desenho de José Bettencourt feito sobre fotografia de Nereu do Vale Pereira.  
**Fig. 7** - *Peso de rede cilíndrico em barro cozido*. Florianópolis (Santa Catarina), Brasil.



Desenho de José Bettencourt

Fig. 8 - Peso de rede troncónico em barro cozido. Peniche. Coleção  
Damião Rodrigues



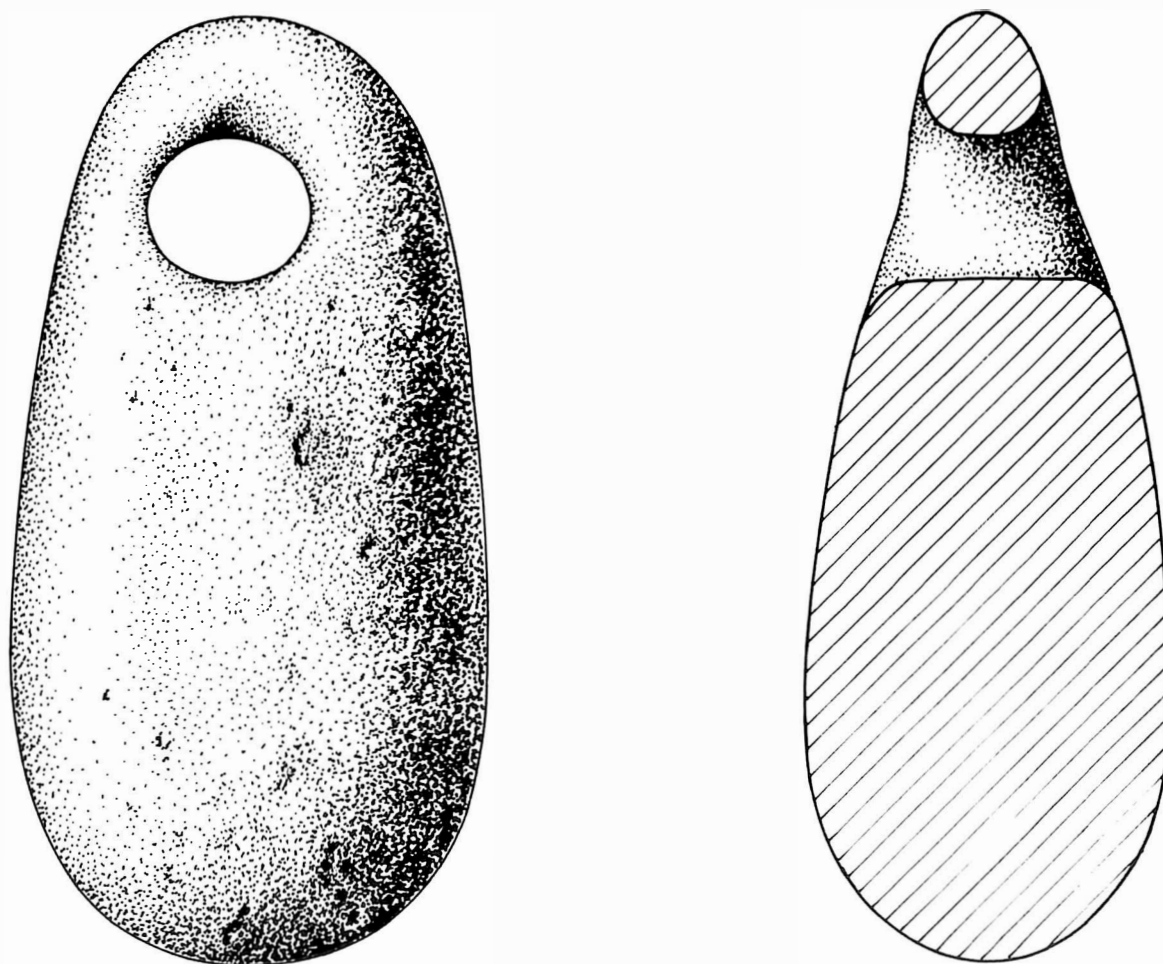
Desenho de José Bettencourt

**Fig. 9** - Peso anelar troncónico em barro cozido. Peniche. Coleção Damião Rodrigues.



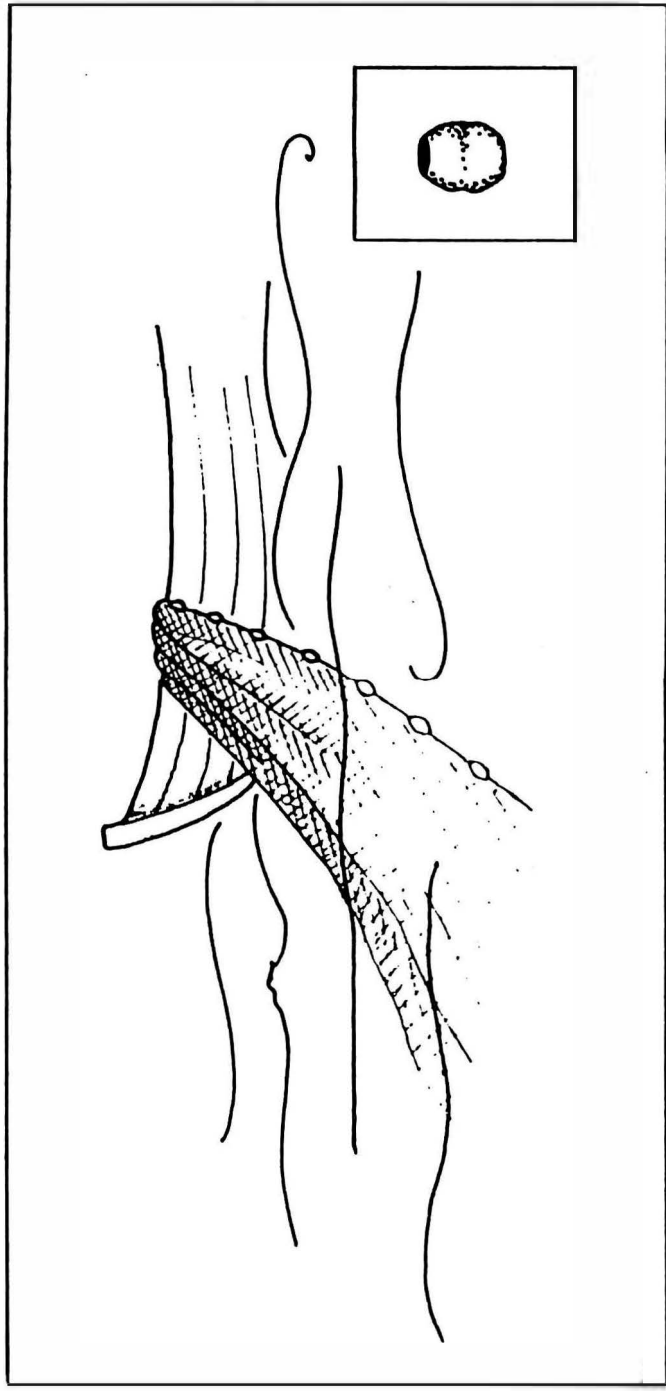
**Foto 24**

Foto de Gilberto Nóbrega



Desenho de José Bettencourt

Fig. 10 - Peso ovuliforme alongado em barro cozido. Peniche. Coleção Damiano Rodrigues.



Desenho inserto na obra de Ninina di Caprio, *Ceramica rustica tradizionale in Puglia*. Lecce, 1982, p. 243.

**Fig. 11** - Peso elipsoidal em barro cozido (*ciummine*). Puglia, Itália.

## PESOS DE REDE EM BARRO COZIDO

### 1. Pesos de fixação extrema

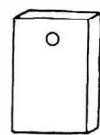
FORMA

#### 1.1. *Subcircular*

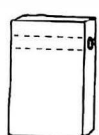


1.1.1.

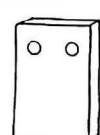
#### 1.2. Paralelepípedo



1.2.1.

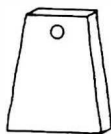


1.2.2.

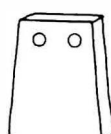


1.2.3.

#### 1.3. Tronco de pirâmide

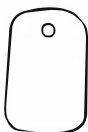


1.3.1.



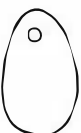
1.3.2.

#### 1.4. Cilindro elíptico



1.4.1.

#### 1.5. Óvulo alongado



1.5.1.



1.5.2.

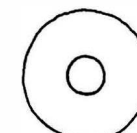
desenho de José Bettencourt

**Fig. 12** - Os pesos cerâmicos de tipo 1.2., 1.3. e 1.5.2. aparecem em estações arqueológicas romanas. No tipo 1.4. incluímos os pesos conhecidos das redes de arrastar de Setúbal.

### 2. Pesos de fixação axial

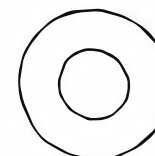
FORMA

#### 2.1. *Discóide*



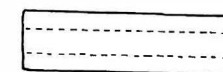
2.1.1.

#### 2.2. Anelar



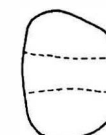
2.2.1.

#### 2.3. Cilíndrica



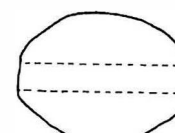
2.3.1.

#### 2.4. Tronco de cone



2.4.1.

#### 2.5. Elipsoidal



2.5.1.

desenho de José Bettencourt

**Fig. 13** - Pesos de cerâmica de tipo 2.1. aparecem em estações arqueológicas romanas. O tipo 2.3.1. é exemplificado pelos pesos de barro de Florianópolis (Brasil).



**Foto 26** - A rede de arrastar do mestre João Maçaroco *enrolada* em três *lotes*. No *lote da malha miúda* vê-se a bóia do saco branca. Vila Franca do Campo.



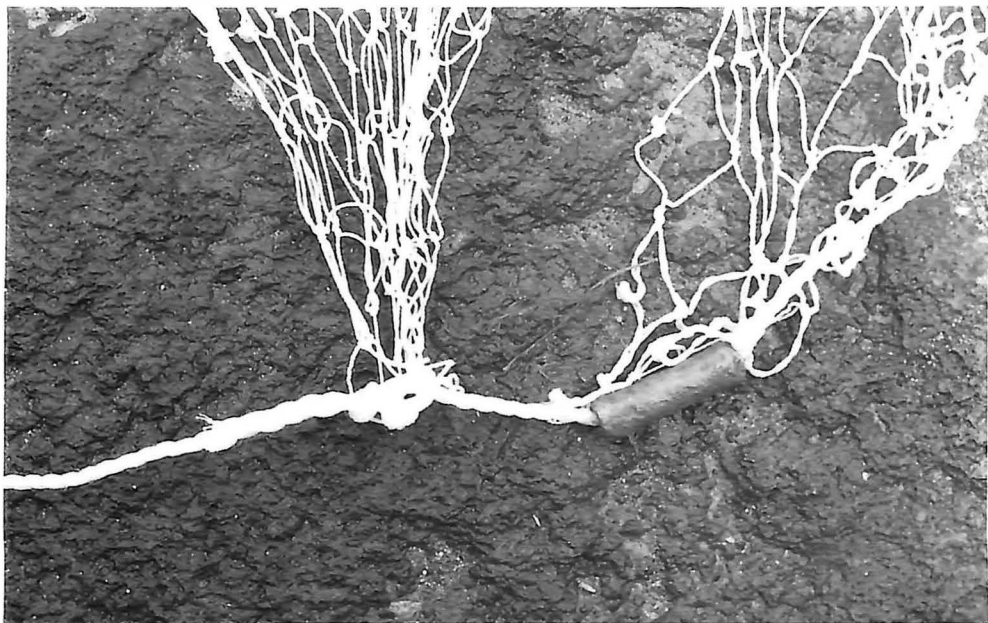
**Foto 28** - Aspecto do *saco* e do *estremalho* da pequena rede de arrastar (*estremalhinho*) do mestre Manuel Marracho. Esta rede pode apanhar até 400 kg. de peixe. Vila Franca do Campo, Junho de 1989.



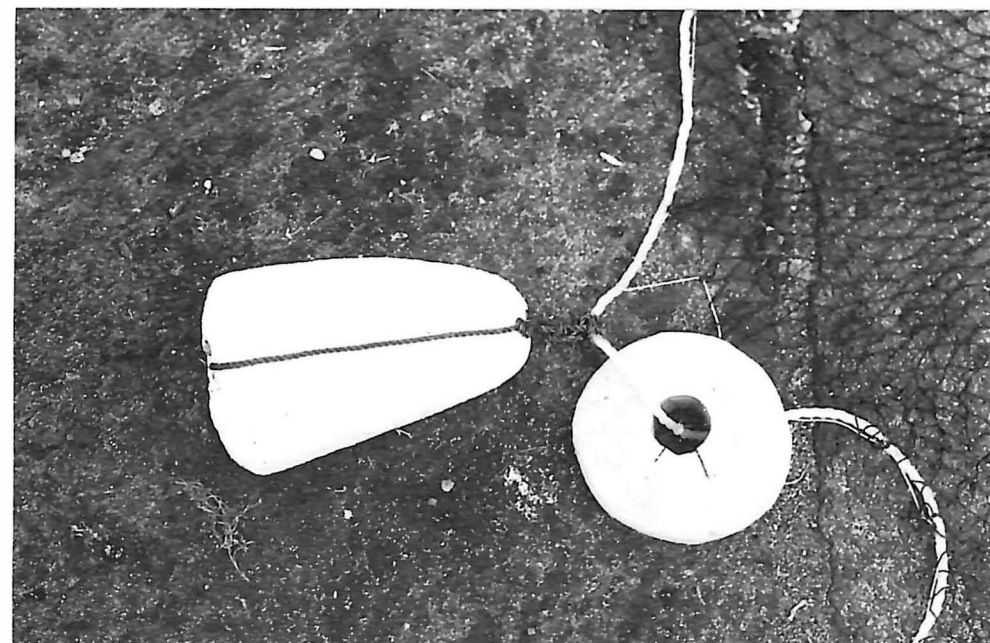
**Foto 27** - Transporte dos *lotes* ao ombro.



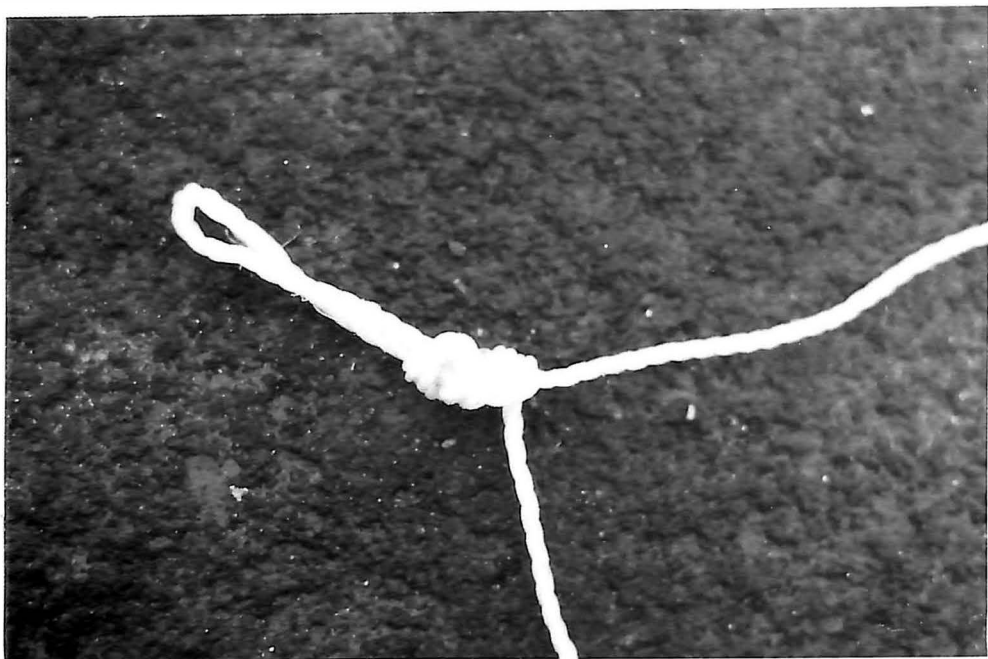
**Foto 29** - *Cortiça* na rede de malha larga e emenda da *pernada superior* do *talão à tralha das cortiças*.



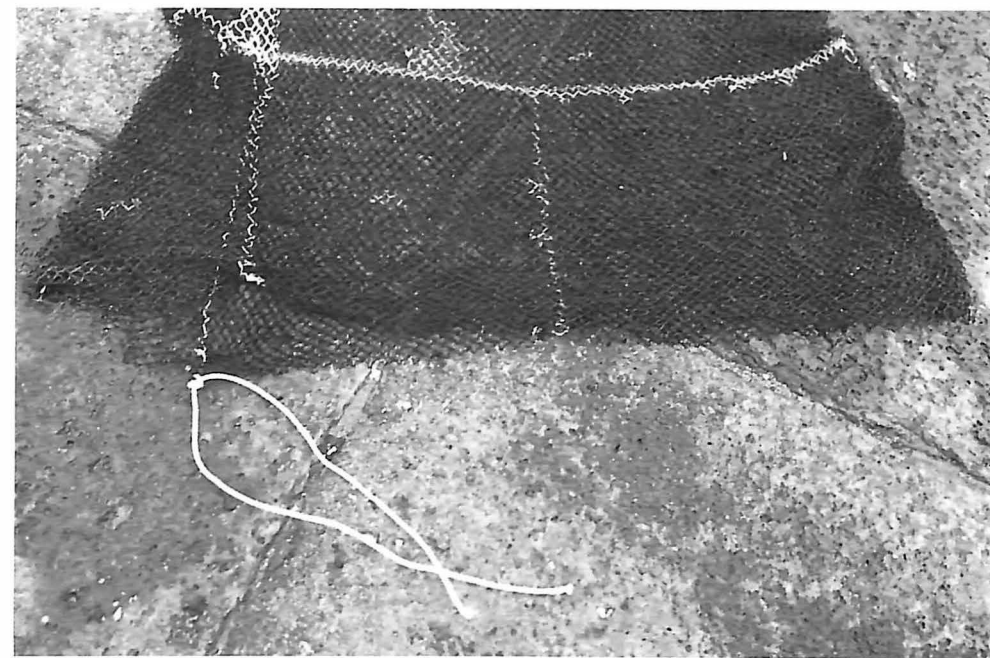
**Foto 30** - *Chumbada no lugar do pandulho da boca do talão e emenda da pernada inferior à tralha dos pandulhos.*



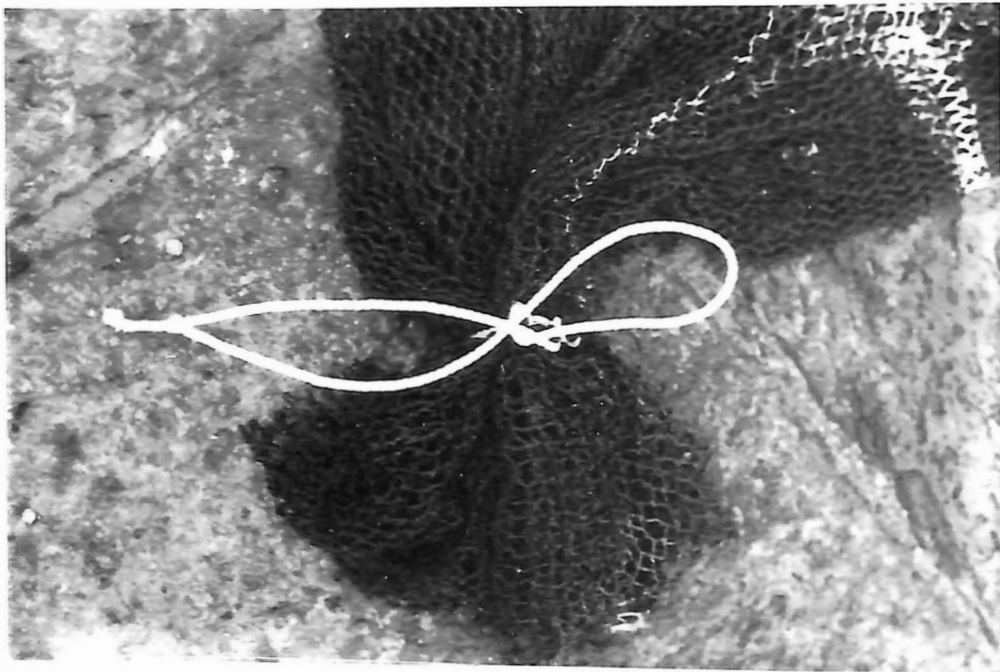
**Foto 32** - *Bóia do saco em esferovite.*



**Foto 31** - *Arça do talão de duas pernas onde se liga a corda de alar.*



**Foto 33** - *Ponta do saco (pernil) com o respectivo atilho.*



**Foto 34** - *Pernil atado.*



**Foto 36** - A rede que tinha sido transportada num saco é colocada dentro do barco.



**Foto 35** - O barco de boca aberta, "Luís Manuel" (10,65 m. de comp.), pertencente a José Tachão, é arrastado para a rampa do cais do Tagarete.



**Foto 37** - À força de remos, o barco deixa o cais da Vila.



**Foto 38** - Um dos pescadores desembarca na praia da Ribeira Seca, levando consigo a ponta da *corda de alar*.



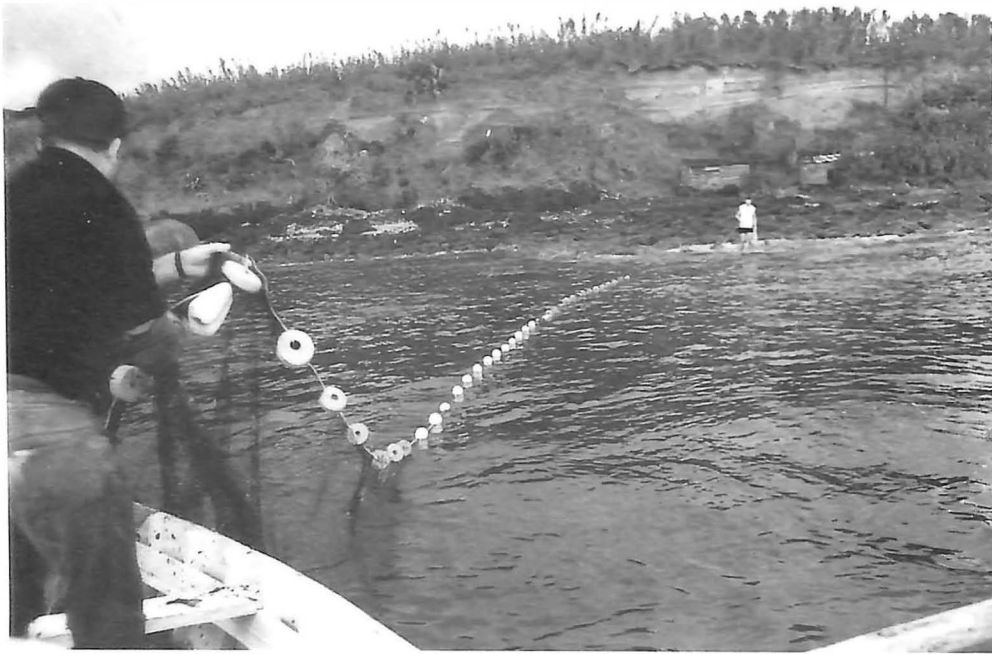
**Foto 39** - Vai iniciar-se o lançamento da *banda* da rede.



**Foto 40** - Um dos pescadores, a meio do barco, lança o *seio da rede* e a *tralha dos pandulhos* enquanto o companheiro, de cima do leito da ré, lança a *tralha das cortiças*.



**Foto 41** - O segundo *cabo de alar* vai para terra.



**Foto 42** - O barco regressa ao centro da rede. A *ponta do saco* é retirada da água e atada.



**Foto 44** - A rede é alada para a praia acompanhada pela embarcação.



**Foto 43** - Manuel Marracho ata a *ponta do saco*.



**Foto 45** - As bandas da rede vão-se apertando.



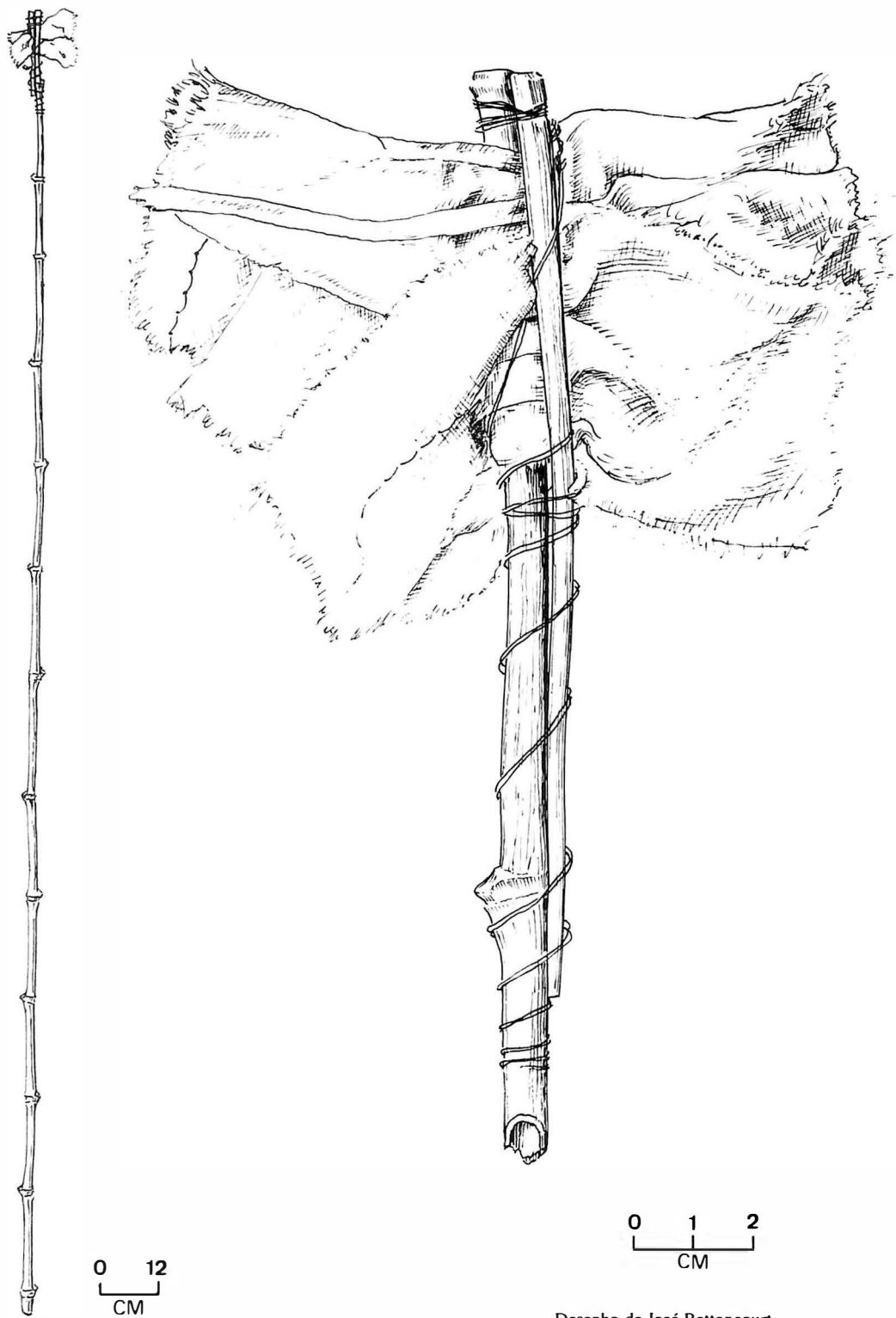
**Foto 46** - A medida que a *boca do sacco* se aproxima da praia, aperta-se mais a rede.



**Foto48** - A *ponta do sacco* é puxada para fora da rebentação.

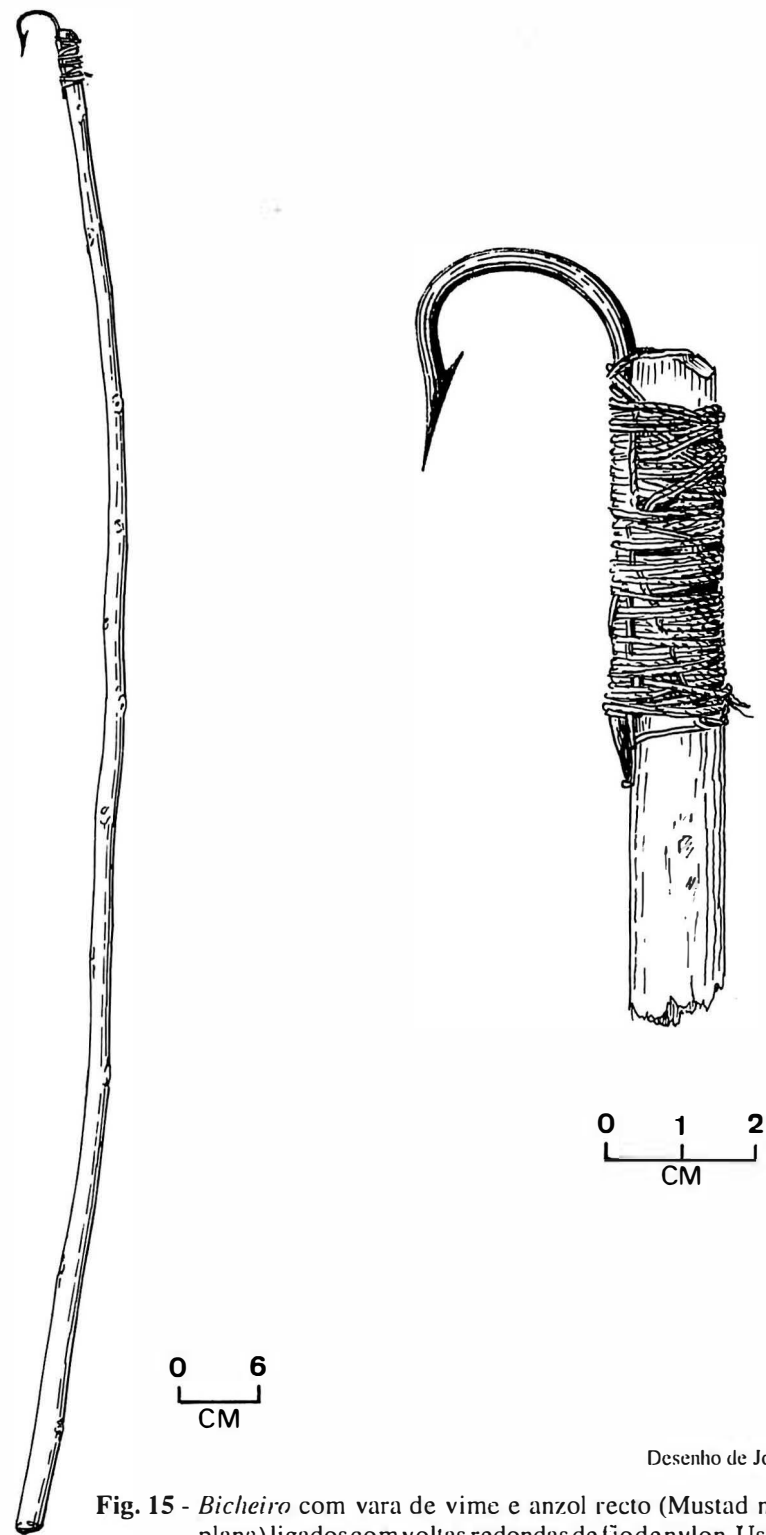


**Foto47** - O *sacco* é puxado para o areal.



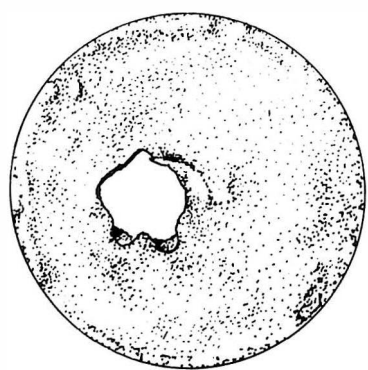
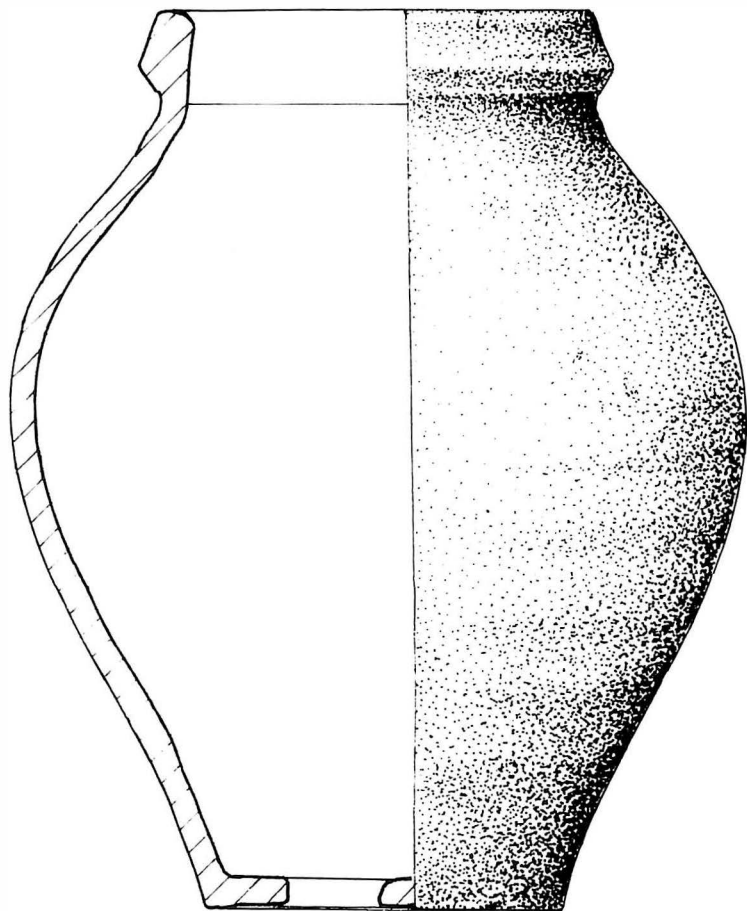
Desenho de José Bettencourt

**Fig. 14** - *Negaça* em cana-da-índia com chamariz de pano branco. Artefacto não utilizado pertencente ao Museu de Vila Franca do Campo.



Desenho de José Bettencourt

**Fig. 15** - *Bicheiro* com vara de vime e anzol recto (Mustad n.º 3, patilha plana) ligados com voltas redondas de fio de nylon. Usado na pesca do polvo. Museu de Vila Franca do Campo.



0 2,5  
CM

Desenho de José Bettencourt

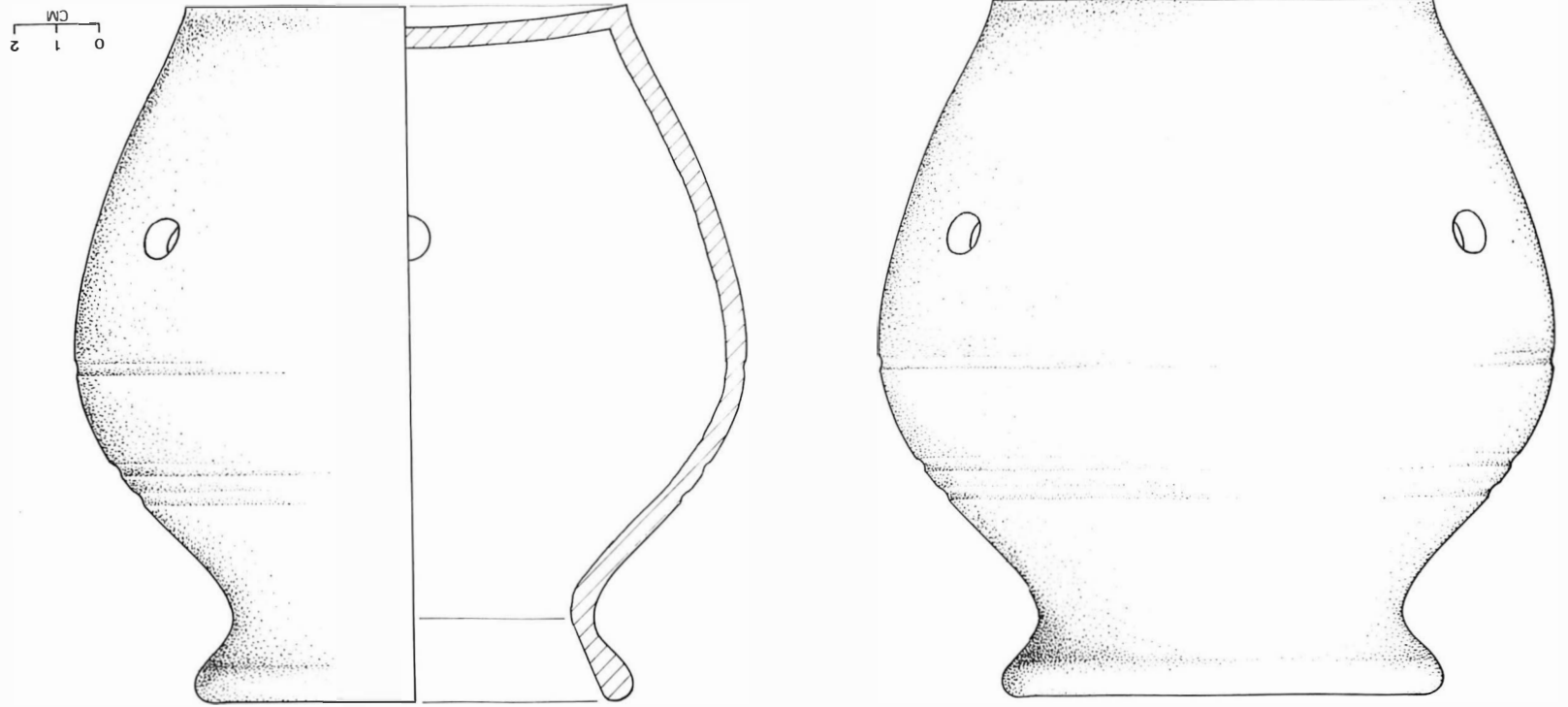
**Fig. 16** - Alcatruz de barro cozido feito no Algarve. Pertenceu ao carregamento enviado para a ilha de São Miguel. Museu de Vila Franca do Campo.



Foto de Gilberto Nóbrega

Foto 49

Fig. 17 - *Caçarola de apanhar polvos* feita pelo oleiro João Carroça. Museu de Vila Franca do Campo.  
 Desenho de José Beteencourt



**Foto 50** - *Caçarolas de apanhar polvos* feitas pelo oleiro João Carroça. A altura dos furos de prender o isco e escoar a água difere nos dois recipientes.

Foto de Gilberto Nóbrega



**Foto 51** - Praia da Pedreira. As *barracas* servem de abrigo a barcos e utensílios de pesca, e de residência temporária durante o Verão. Água d'Alto, Vila Franca do Campo.



**Foto 52** - *Barracas* de madeira para abrigo de embarcações e artes de pesca. A que tem a porta aberta pertence a António José Correia Pua. Praia da Pedreira. Água d'Alto.



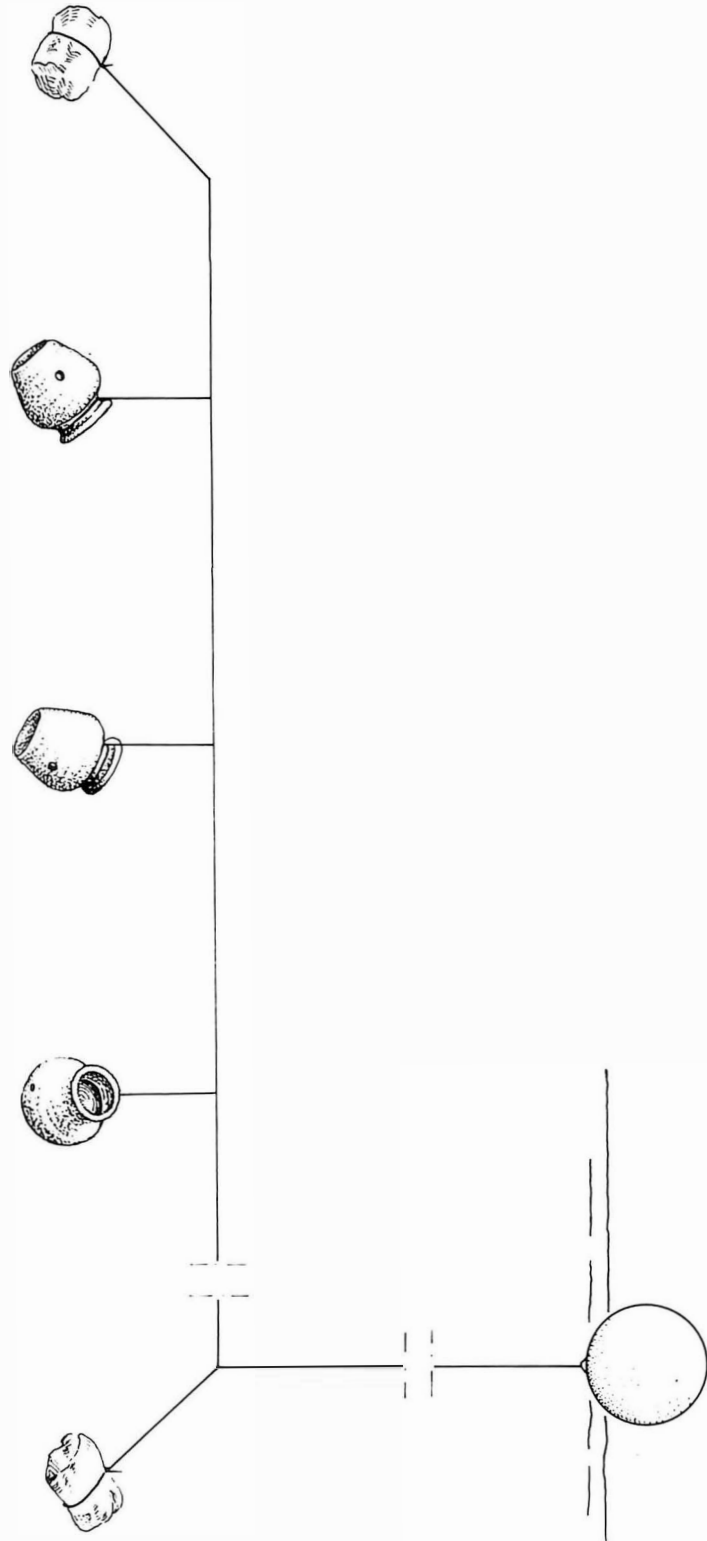
**Foto 53** - O "São Lázaro" abrigado na *barraca* de António Pua.



Foto 54 - António Pua prepara a *teia de caçarolas*, com a ajuda do filho.



Foto 55 - *Teia de caçarolas* para a pesca do polvo.



Desenho de José Belencourt

Fig. 18 - Esquema da teia de *caçarolas* para pescar polvos usada na praia da Pedreira, Vila Franca do Campo.



Foto 56 - Caçarolas ligadas ao cabo madre (*tralha*) pelas *amarradeiras*.



Foto 57 - Técnica de prender a *caçarola* com nós de correr.



Fotos 58 e 59 - *Visor* utilizado por António Pua (alt. 37 cm).

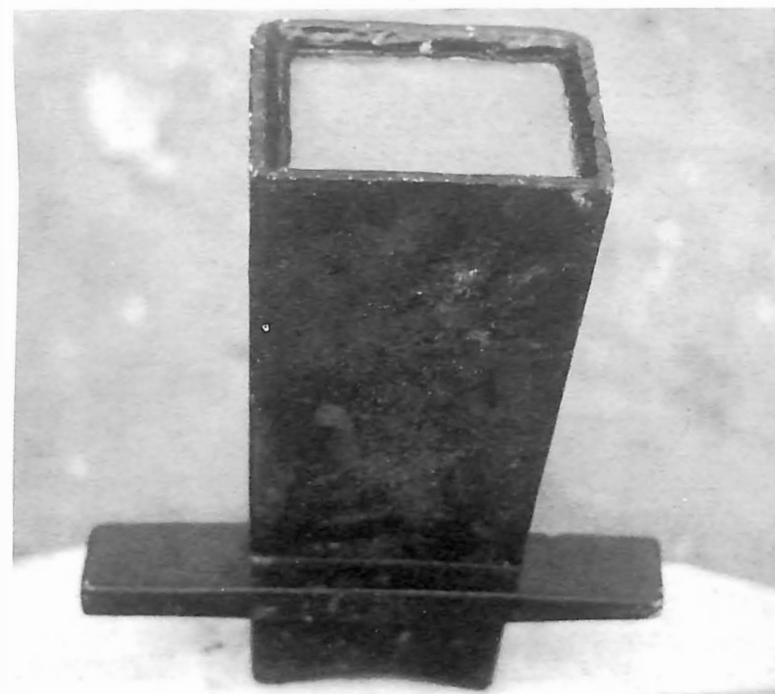
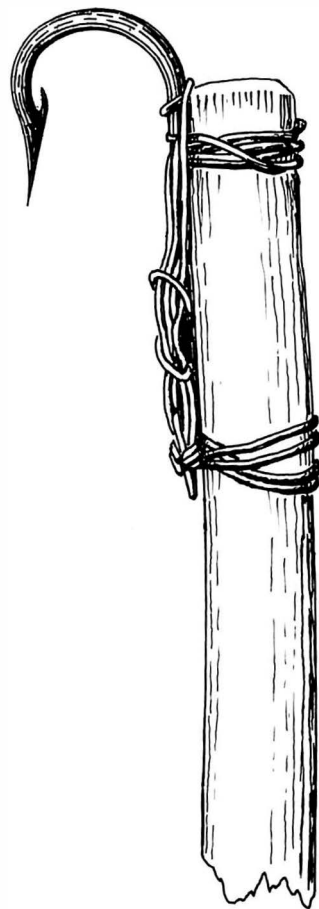


Foto 59



0 6  
CM

0 1 2  
CM

Desenho de José Bettencourt

Fig. 19 - *Bicheiro* com vara de vime e anzol (Mustad n.º 4, patilha plana) ligados com fio de arame. Usado por António Pua na pesca do polvo. Praia da Pedreira, Vila Franca do Campo.